CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO
do
Rio de Janeiro

(Resumo Histórico desde a sua origem até hoje)

Frei Albano Marciniszyn, O.F.M.

SEPARATA
DA REVISTA
VIDA FRANCISCANA
nº 48 — ano LII

1982

Sumário

Apresentação, 1
1. Inícios da Ordem Franciscana no Brasil, 2
2. Fundação do Convento de Santo Antônio, 2
3. Construção do novo Convento, 3
4. O refeitório, 4
5. Sala do Capítulo, 4
6. As capelas e os nichos do Claustro, 5
7. A Capela dos Três Corações, 8
8. O cárcere, 9
9. O mausoléu, 9
10. Vida santificada, 12
11. Atividades pastorais, 15
12. Atividades culturais, 17
13. Vultos notáveis, 18
14. Os frades em datas históricas, 23
15. Decadência do Convento, 24
16. Ocupações do Convento, 25
17. Restauração do Convento, 25
18. Tentativa de seqüestro do Convento, 28
19. O morro de Santo Antônio, 28
20. A Igreja Conventual, 30
21. A sacristia, 34
22. O órgão, 35
23. As imagens de Santo Antônio, 35
24. Promoções e condecorações de Santo Antônio, 36
25. O culto a Santo Antônio, 36
26. Santo Antônio dos pobres, 40

Ilustração da capa: bico de pena de João Lauro.

APRESENTAÇÃO

Quem passa pelo Largo da Carioca ou por seus arredores, não pode deixar de olhar para o histórico e vetusto Convento de Santo Antônio, repousando a cavaleiro sobre os restos do morro do mesmo nome. E' um monumento que dá testemunho de um glorioso passado, eficaz presente e esperançoso futuro, por isso digno de ser carinhosamente conservado para as gerações futuras.

Tudo o que fala ou foi palco de fatos acontecidos durante séculos desperta natural curiosidade. Para satisfazer esta curiosidade e aumentar interesse e amor por este precioso patrimônio, demo-nos o trabalho de esboçar um breve resumo histórico. Quem o ler verá que o Convento de Santo Antônio pertence não somente à Ordem Franciscana, mas à própria nação, pela sua atuação nos campos religioso, cultural, científico, artístico e político.

Verá também que os frades não dormem sobre louros conquistados pelos antepassados, mas se esforçam por seguir os seus exemplos, ainda que de maneira diferente, de acordo com a atualidade.

Para compilar este resumo informativo consultamos os trabalhos dos seguintes autores:

1. FREITAS, Frei Diogo, O.F.M., *Convento de Santo Antônio* (Resumo Histórico), Vozes de Petrópolis, 1915. — *A Provincia Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil*, nas festas do Centenário da Independência Nacional. Vozes de Petrópolis, 1922.
2. SINZIG, Frei Pedro, O.F.M., *O Taumaturgo Santo Antônio na História, na Lenda, na Arte*. Ed. Centro da Boa Imprensa, Petrópolis 1922.
3. KLEINSCHMIDT, Frei Beda, O.F.M., *Antonius von Padua im Leben und Kunst, Kult und Volkstum*. Verl. L. Schwann, Duesseldorf 1931.
4. ROEWER, Frei Basílio, O.F.M., *Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro*. 2ª ed., Vozes de Petrópolis, 1937.
5. MACEDO SOARES, José Carlos de, *Santo Antônio de Lisboa Militar no Brasil*. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro 1942.
6. *Crônica do Convento de Santo Antônio*. Manuscrito.
7. Informações pessoais.

Rio de Janeiro, junho de 1975
FREI ALBANO MARCINISZYN, O.F.M.

1. INÍCIOS DA ORDEM FRANCISCANA NO BRASIL

O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro foi fundado e é mantido até hoje pela Ordem dos Frades Menores (Franciscanos), que está intimamente unida à História do Brasil desde o dia do seu descobrimento.

Em 1500 Frei Henrique de Coimbra, que acompanhou a expedição de Pedro Álvares Cabral, celebrou a primeira missa em terras do Brasil.

Em 1516 desembarcaram em Porto Seguro dois Franciscanos com o propósito de cristianizar os índios. Mas depois de terem batizado alguns Tupiniquim, foram trucidados pelos índios pagãos.

Em 1548 vieram dois Franciscanos da Itália. Um deles afogou-se ao atravessar um rio. O outro voltou para o país de origem.

Em 1558 o irmão leigo Frei Pedro Palácios, de nacionalidade espanhola, aportou em Vila Velha do Espírito Santo, onde levou uma vida de eremita, entremeada com excursões missionárias entre os índios e fundou a Igreja de Nossa Senhora da Penha.

Em 1577 o Governador de Pernambuco Jorge de Albuquerque Coelho, tendo tomado conhecimento dos serviços que Frei Álvaro da Purificação, da Província de Santo Antônio dos Currais, desenvolvia em sua Capitania, pediu à Província que mandasse mais frades. O pedido, porém, só foi atendido depois de intervenção direta do Ministro Geral, Frei Francisco Gonzaga. Aos 12 de abril de 1585 desembarcaram no Recife os sete primeiros frades que, com mais outros que vieram em seguida, lançaram os fundamentos para as duas Províncias Franciscanas, a de Santo Antônio do Norte e a da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, no Sul.

2. FUNDAÇÃO DO CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO

Em 1592 estiveram no Rio de Janeiro Frei Antônio das Chagas e Frei Antônio dos Mártires, procedentes de Vitória do Espírito Santo. Receberam em doação, feita pela Câmara, um terreno com uma ermida na Praia de Santa Luzia. Quinze anos mais tarde, no dia 15 de fevereiro de 1607, aportaram o Custódio Frei Leonardo de Jesus e mais quatro frades, entre eles Frei Vicente do Salvador. Não se agradaram do lugar doado. Pediram e receberam em permuta o Morro do Carmo, chamado assim por já estar reservado à Ordem dos Carmelitas. Nessa ocasião foi-lhe devolvido o nome primitivo: Morro de Santo Antônio.

No dia 19 de abril foi assinada a escritura pelo Governador Martim Afonso de Sá e outras pessoas. No dia 25 do mesmo mês, os frades se transferiram para uma casa cedida por Fernando Afonso, ao lado da ermida de Santo Antônio, perto do atual convento. Ali construíram a residência provisória, que foi inaugurada aos 4 de outubro de 1607. Em seguida, o

Custódio voltou para Olinda, deixando os quatro frades, e nomeando Frei Vicente do Salvador para superior.

Em 1608, aos 4 de junho, o Custódio estava novamente no Rio de Janeiro para lançar a pedra fundamental do convento definitivo. Ao ato estiveram presentes o Governador Afonso de Albuquerque, o Vigário da Sé, o Reitor do Colégio dos Jesuítas e o Administrador Eclesiástico Mateus da Costa Alboim, que oficiou e presidiu todos os atos assistidos pelas Autoridades e grande multidão de povo.

Voltando para Olinda, o Custódio levou consigo Frei Vicente do Salvador e nomeou em seu lugar, como superior, Frei Estêvão dos Anjos.

Em 1614, no Capítulo de 15 de outubro, foi eleito o primeiro guardião do Convento de Santo Antônio: Frei Antônio do Calvário. Em 1615, aos 7 de fevereiro, a comunidade já se transferiu para o novo convento, apesar de a igreja estar ainda longe da conclusão.

Em 1617, o novo guardião Frei Bernardino de Santiago empenhou-se muito por concluir a igreja e deu-a por terminada em 1620. O término da igreja e do convento significa tão-somente o apronto das condições de uso e de moradia. As obras de acabamento e de arte continuaram por muito tempo, tanto assim que somente no guardianato de Frei Serafino de Santa Rosa (1707-1710) foi colocado o forro do claustro.

Em 1650 o convento foi promovido a casa de estudos de filosofia e teologia.

Em 1659, no Capítulo Provincial de 5 de novembro, os conventos ao sul da Bahia foram elevados a Custódia da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, para cuja sede foi escolhido o Convento de Santo Antônio.

Em 1675, aos 15 de julho, o Papa Clemente X elevou a Custódia à categoria de Província com sede no mesmo convento, que a manteve até a restauração da Província em extinção, decretada aos 14 de setembro de 1901 pelo Vigário-Geral da Ordem, Frei David Fleming. Nesta ocasião, a sede da Província foi instalada em Blumenau, onde permaneceu até que, na Congregação de 3 de maio de 1906, foi transferida para Petrópolis. No Capítulo de 19 de janeiro de 1907 foi decretada a sua mudança para São José, em Santa Catarina. Obedecendo ao decreto do Capítulo de 14 de janeiro de 1911, instalou-se em Curitiba, donde, em 1941, emigrou para São Paulo, onde se encontra até hoje.

3. CONSTRUÇÃO DO NOVO CONVENTO

Segundo Frei Apolinário da Conceição o número de frades residentes no convento era muito elevado e já antes de 1730 abrigava ocasionalmente cento e vinte a cento e trinta religiosos. Por isso resolveu-se entre os anos de 1748 a 1751 construir um novo convento. No Livro do Tombo

consta o seguinte: «Vendo o Provincial, Frei Agostinho de São José, o nenhum cômodo que este Convento oferecia aos seus habitantes e que os antigos fundamentos eram insuficientes para qualquer acrescentamento, tanto pelo limitado do risco como pela deficiência das paredes, determinou, depois de ouvido o conselho dos padres graves da Província, a edificação de um Convento quadrangular, de dois sobrados, o que, com efeito, se pôs em execução com a abertura dos alicerces da primeira quadra do lado da barra».

A construção só ficou terminada no ano de 1780. A sua estrutura tem as seguintes dimensões: os alicerces têm a espessura de 1,95 m, as paredes do pavimento térreo de 1,45 m, as do primeiro de 1,20 m, as do segundo de 1 metro. Nos anos seguintes até a decadência do convento foram feitos aperfeiçoamentos, modificações, instalações de capelas e de obras de arte.

4. O REFEITÓRIO

As dimensões do refeitório são ainda as mesmas da época da sua construção. Medem 25,15 por 6,26 metros. E' bem iluminado através de seis grandes janelas. À direita de quem entra, na altura da metade do salão, acham-se a escada por dentro da parede e a abertura que davam acesso ao púlpito, no qual se faziam as leituras durante as refeições. À esquerda pendem cinco grandes pinturas de valor artístico, mas de autores desconhecidos.

Hoje o refeitório não apresenta aspecto de especial curiosidade. Desapareceu a barra de azulejos, cujos painéis representavam cenas de caça. As grandes e aparelhadas lajes de granito, que revestiam o piso, foram arrancadas e carregadas. As mesas de grossas tábuas e as colunas de granito, que as sustentavam, não deixaram vestígios.

Não se sabe quando estas obras foram executadas, mas sabe-se quando desapareceram. Foi durante os dezesseis anos, de 1885 a 1901, quando o convento serviu de quartel para um batalhão do exército.

5. SALA DO CAPÍTULO

O grande salão no qual os religiosos atendem os fiéis, chamado antigamente «Sala do Capítulo», foi construído entre 1754 e 1757 pelo guardião Frei José de Santa Maria Silva, eleito no Capítulo de 19 de outubro de 1754. Suas dimensões são de 20,50 por 6,50 metros. O teto com suas molduras e pinturas é ainda o original. As paredes ostentam telas a óleo de São Jerônimo, o tradutor da Bíblia para o latim, São Boaventura, Santo Tomás e São Gregório Magno e de outros santos e santas. O cruci-

fixo, com o docel e as duas pinturas sobre madeira, aos lados, são relíquias de um oratório que existia atrás do antigo órgão que, colocado na parte fronteira do coro, vedava a visão para o altar. Numa das cabeceiras da sala, provavelmente na do lado da portaria, havia um altar dedicado a Sant'Ana, enquanto que, na oposta, uma cátedra na qual se assentavam grandes professores para lecionar não somente aos frades, mas também aos seculares que assiduamente freqüentavam as aulas. A terça parte deste salão, a começar da portaria, abrigava sepulturas de homens célebres, como as do General Boem, de José Cichorro, do grande músico Marcos Antônio Portugal e mais outros. Em 1911, na reforma do convento, estas sepulturas foram retiradas e suas covas aterradas.

6. AS CAPELAS E OS NICHOS DO CLAUSTRO

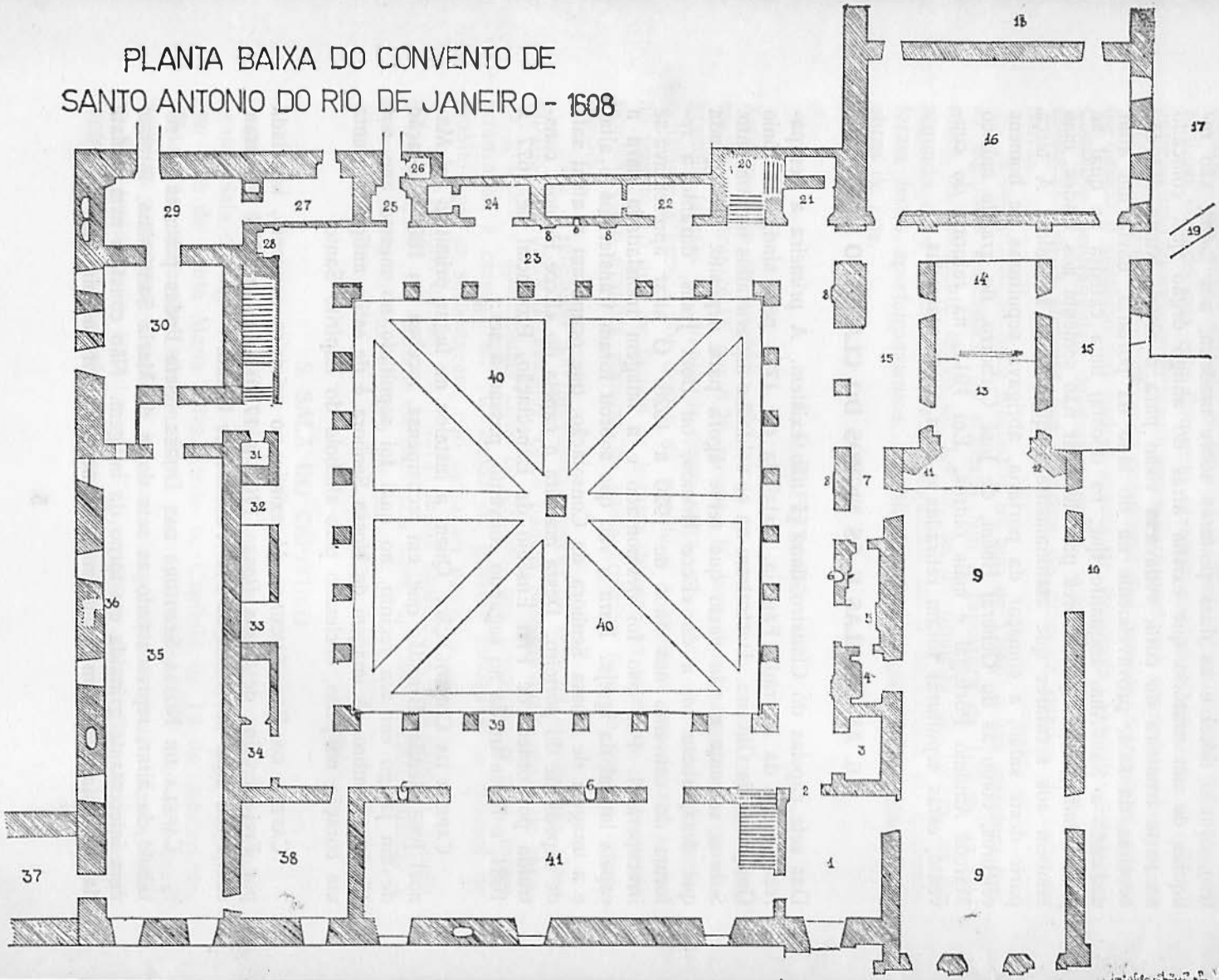
Das sete capelas do Claustro duas já não existem. A primeira a desaparecer foi a da Sagrada Família, instalada em 1774 pelo síndico Antônio Gonçalves de Oliveira. Destruíram-na os soldados aquartelados no convento. Sobrou somente o vão vazio que serve agora para depósito. A segunda que desapareceu foi a do «Ecce Homo», ou Bom Jesus, durante a reforma do convento nos anos de 1920 a 1926. O altar apresentava-se irrecuperável. Por isso foi desmontado e a imagem transladada para a capela lateral da igreja. Para o vão que sobrou foram transferidos o altar e a imagem de Nossa Senhora da Consolação, que ocupavam a atual sala de expediente do porteiro. Desta maneira a capela do «Ecce Homo», construída por ordem de Frei Eusébio da Expectação, Provincial de 1677 a 1681, e reconstruída no segundo convento, passou a ser:

CAPELA DA CONSOLAÇÃO. Quem a instalou no lugar primitivo foi Manoel José Mendes Brandão que, em recompensa, recebeu em 1809 a doação de um jazigo em seu recinto, no qual foi sepultado no mesmo ano aos 15 de novembro. A imagem de Nossa Senhora é de estilo antigo e ostenta um coração no peito, encimado pelo símbolo do Espírito Santo.

CAPELA DA PORCIÚNCULA. Já existiu no primeiro convento, instalada por Frei Serafino de Santa Rosa (1707 a 1710). Desde 1927 repousam sob o seu altar os Ossos de Frei Fabiano de Cristo.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS DORES. Sete lindas pinturas no retábulo do altar, representando as sete dores de Maria Santíssima, formam uma interessante grinalda em torno da imagem. Não constam nem a data da sua instalação, nem o seu promotor, nem o autor das pinturas.

PLANTA BAIXA DO CONVENTO DE SANTO ANTONIO DO RIO DE JANEIRO - 1608



1. Entrada do nicho da Imaculada Conceição
2. Porta da Clausura
3. Portaria
4. Altar do Ecce Homo
5. Altar da Porciúncula e de Frei Fabiano
6. Antigos confessionários; atuais nichos
7. Crematório de velas
8. Pedra sepulcral
9. Igreja (nave)
10. Capela da Ordem da Penitência
11. Altar de Nossa Senhora da Conceição
12. Altar de São Francisco de Assis
13. Capela-mor
14. Altar de Santo Antônio (mor)
15. Via-Sacra
16. Sacristia
17. Poço
18. Lavabo
19. Caminho para o Mausoléu e Cemitério atual
20. Imagem de Santo Aleixo
21. Altar de Nossa Senhora das Dores
22. Altar de Nossa Senhora da Consolação
23. Antigo cemitério da Comunidade: Claustro
24. Antigo Altar da Sagrada Família: atualmente depósito
25. Saída para o quintal: ala demolida
26. WC
27. Antiga dispensa: atual refeitório dos empregados
28. Nicho do Crucifixo
29. Antiga cozinha: atual dispensa
30. Antiga «Sala De profundis»: atual cozinha
31. Ascensor
32. Altar do Nascimento de São Francisco de Assis
33. Altar do Trânsito de São Francisco de Assis
34. Altar de São Joaquim
35. Refeitório
36. Entrada para o púlpito
37. Antigo Cárcere: atualmente ambulatório
38. Antiga sala de farinha: atualmente Secretaria
39. Claustro com Intercolúnio
40. Jardins
41. Sala do Capítulo, Sala de Estudos: atualmente locutório

CAPELA DE SÃO JOAQUIM. E' a mais modesta de todas. Somente a pouca talha do altar é dourada. As paredes são lisas. Não existem dados para maiores esclarecimentos.

O NICHO DO CRUCIFICADO. Situado na cabeceira da quadra do claustro, em que se sepultavam os religiosos, abriga um grande Crucifixo, diante do qual se faziam as encomendações dos corpos antes de serem baixados à sepultura.

OS DOIS NICHOS DE SÃO FRANCISCO. Num é representada a cena do seu nascimento e no outro a de sua morte. Estes dois nichos já existiam no antigo convento. Pois Frei Apolinário da Conceição refere-se a eles já em 1730. A cena do nascimento é semelhante ao presépio do Menino Jesus. A criança recém-nascida está deitada numa manjedoura. Em sua volta estão a mãe, o irmão, a parteira ou criada, o burro e o boi. Consta que existiram mais imagens, que mãos criminosas devem ter carregado. Consta de uma tradição que São Francisco teria nascido num estábulo. A mãe estaria em dificuldades de parto. Apareceu então um peregrino desconhecido, aconselhou que a levassem ao estábulo e tudo se passaria normalmente. Na parede por sobre a cena está afixada uma tabuleta com os seguintes versos de Frei Francisco de São Carlos:

Em Assis Belém se enova
Com espantosos sinais,
Qual Jesus, Francisco nasce
Entre brutos animais.

A cena da morte é representada de acordo com as referências históricas. São Francisco desnudo, deitado no chão, e seus discípulos em sua volta, assistem ao seu trânsito para a vida eterna. Numa tabuleta, igual à outra, pendem os seguintes versos do mesmo autor:

Adverte, não é Jesus,
E' Francisco o que aí jaz,
A quem semelhantes faz
Nascimento, vida e cruz.

IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Frei Serafino de Santa Rosa ornou a portaria com dois grandes painéis, emoldurados em talha, e colocou nela um altar com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. E' provável que seja a mesma que está hoje no oratório da mesma portaria.

7. A CAPELA DOS TRÊS CORAÇÕES

Esta capela está situada dentro do convento, em frente à cela do Padre Guardião. E' uma das mais valiosas lembranças dos tempos idos. O altar

é de estilo barroco com muitas incrustações de relíquias. O nicho está ocupado por uma custódia de madeira dourada que ostenta os corações de Jesus, Maria e José. Entre as grossas molduras do teto vêem-se três sóis projetando raios sobre o globo terrestre. Por cima deles, em forma de arco opresso, está a inscrição: «Numera stellas», Gên 15,5. Também nos raios centrais de cada sol há citações bíblicas que simbolizam Cristo: «Orietur vobis sol», Malach. 4 n. 2; Maria Santíssima: «Electa ut sol», Cant. 6 n. 9; São José (ou todos os santos): «Fulgebunt sicut sol», Mt 13,43. No centro de cada parede lateral há um busto de Papa e na dos fundos cinco de bispos, com relíquias incrustadas no peito. Os azulejos da barra das paredes estão colocados desordenadamente, porque alguns deles se estragaram e foram substituídos. Há duas curiosas pias, uma à porta da entrada, para a água benta, e a outra no lugar apropriado para lavar as mãos antes da missa. Ambas são feitas de louça colorida, pedaços de azulejos, conchas e pequenas figuras. Na restauração de 1972 foram fabricadas as peças do altar que faltavam; o forro, exceto as molduras, foi totalmente substituído.

8. O CÁRCERE

No lado sul do convento, no alinhamento de sua fachada, existe um anexo com terraço na altura do piso do primeiro andar. E' o cárcere. Segundo a disciplina da época, nele eram encarcerados os frades delinqüentes. Recolhiam-se nele também os que queriam penitenciar-se de faltas públicas. Este cárcere já existia no primeiro convento, talvez em outro lugar, pois referem as crônicas que nele esteve preso, ainda que inocentemente, por ordem do Reformador Apostólico D. Frei Antônio de Guadalupe, o ex-Provincial Frei José do Nascimento, que exerceu o cargo de 1735 a 1738.

No correr da história houve muita injustiça e crueldades nos cárceres. Mas o de Santo Antônio era muito humano e até caritativo. Uma Comissão encarregada pelo Governo para examinar os cárceres civis, militares e religiosos, no ano de 1828, declarou que o de Santo Antônio era «um céu aberto em comparação das nossas cadeias e os presidentes das províncias não valem os provinciais e os guardiães dos Capuchos». Hoje estão instalados neste cárcere o refeitório da Ordem Terceira, a sua biblioteca, a sala de costura e o ambulatório para o atendimento dos pobres.

9. O MAUSOLÉU

Ao lado da sacristia existe um jardim que poderia chamar-se cemitério. Pois em 1963 foram construídos nele túmulos destinados ao sepultamento

dos frades, cujos ossos depois de cinco anos são recolhidos aos ossários individuais na capela mortuária que convencionalmente é chamada Mausoléu.

Esta capela foi construída pelo guardião Frei Basílio Roewer, premeditadamente para dar abrigo condigno aos despojos dos membros da augusta Família Imperial depositados provisoriamente neste convento.

Quando a Imperatriz do Brasil Dª Maria Leopoldina Josefa Carolina faleceu, aos 11 de dezembro de 1826, seu corpo foi levado ao Convento de Nossa Senhora da Ajuda, onde permaneceu até aos 9 de novembro de 1911, quando foi transladado para o Convento de Santo Antônio por ter sido vendido o de Ajuda. Junto com o corpo da Imperatriz vieram também os de sua filha Dª Paula Mariana e da filha de Dª Isabel, que nasceu morta aos 28 de julho de 1874.

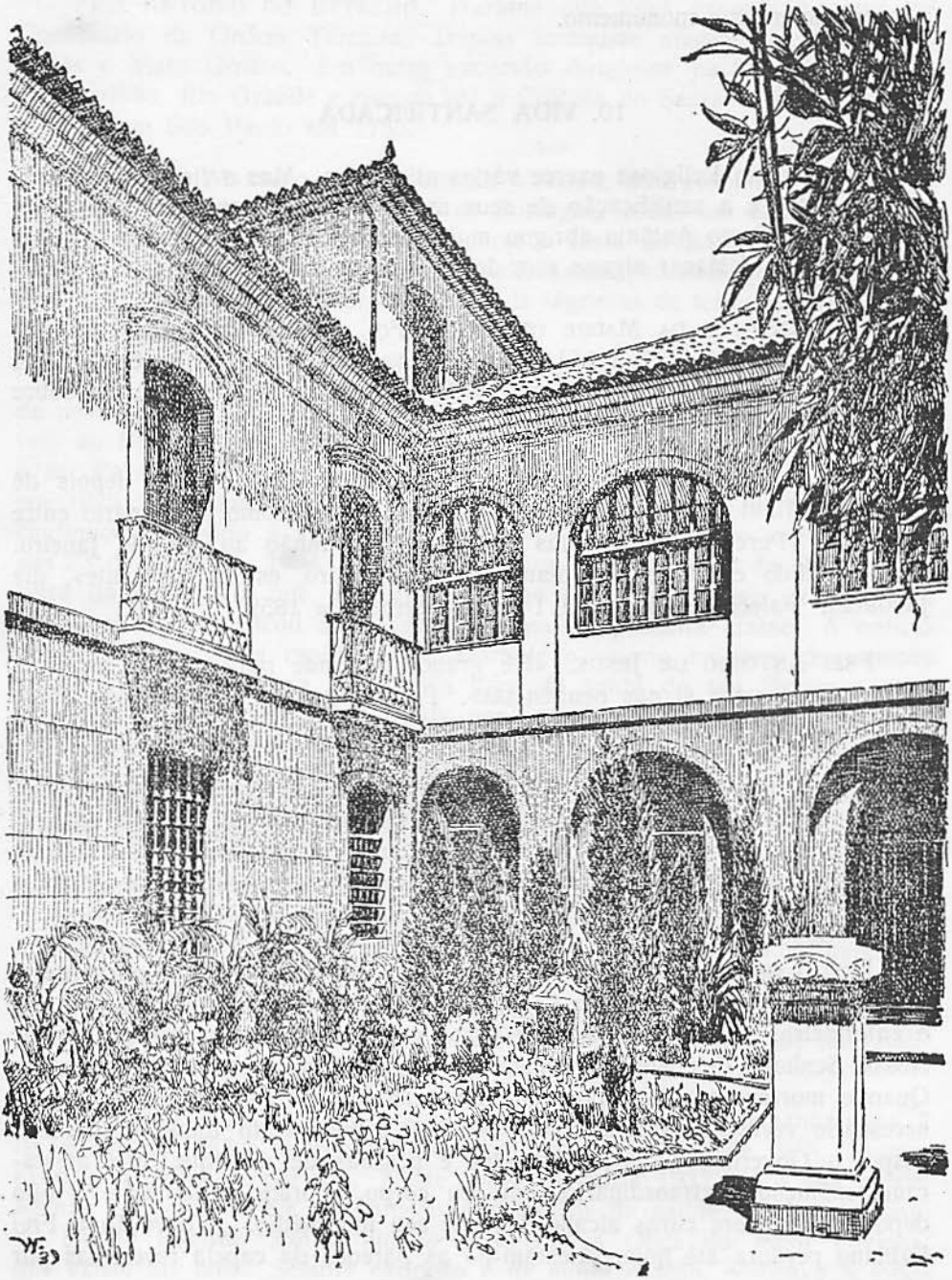
A transladação realizou-se com grande aparato e solenidade, promovida pelo Sr. Coronel Raimundo Gomes de Castro, que na ocasião pronunciou um longo e eloqüente discurso.

O convento não devia servir de jazigo definitivo já que não apresentava condições adequadas para guardar os despojos de pessoas tão ilustres. Os sarcófagos da Imperatriz e de sua filha foram colocados no corredor entre a igreja e a sacristia. A natimorta, em seu mausoléu, foi levada ao recinto da antiga capela da Sagrada Família, onde já se encontrava o mausoléu com os três corpos dos príncipes: D. João Carlos Borromeu, filho de D. Pedro I e de Dª Leopoldina, nascido aos 6 de março de 1821 e falecido aos 4 de fevereiro de 1822; D. Antônio Afonso, nascido aos 23 de fevereiro de 1845 e falecido aos 11 de junho de 1847, e D. Afonso, nascido aos 19 de julho de 1848 e falecido aos 10 de janeiro de 1850, ambos filhos de D. Pedro II e de Dª Teresa Cristina.

Já haviam passado vinte e cinco anos e ninguém tomava providências para dar-lhes abrigo conveniente. Então Frei Basílio Roewer, guardião do convento, construiu o mausoléu e resolveu o problema definitivamente. Na sua inauguração, no dia sete de setembro de 1937, estiveram presentes a Exma. Senhora Dª Darcy Vargas, digníssima esposa do Presidente da República, Sua Alteza o Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança com dois filhos, a Comissão do Instituto Histórico, cujo Secretário Perpétuo, Sr. Max Fleiuss, proferiu eloqüente discurso sobre a primeira Imperatriz do Brasil.

Hoje, o lugar dos seus restos mortais está desocupado. Por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Prefeitura da mesma cidade, com o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura e autorização da Família Imperial e das Autoridades Civis e Eclesiásticas, foram transferidos aos 12 de outubro de 1954 para o Monumento do Ipiranga.

Quis-se dar desta maneira um testemunho de gratidão à Imperatriz pelo que ela fez em benefício da Independência do País. E a data mais sentimental foi a da passagem do quarto centenário da fundação daquela



Jardim interno do Convento, ao lado da sacristia.
Nele, à direita, foram construidos
o Mausoléu e o Cemitério do Conventual.

cidade. Desde 1972 também os restos mortais do primeiro imperador repousam no mesmo monumento.

10. VIDA SANTIFICADA

Qualquer Ordem Religiosa exerce várias atividades. Mas a finalidade essencial de todas é a santificação de seus membros. No correr dos séculos, o Convento de Santo Antônio abrigou muitos bons e santos religiosos. Dentre eles queremos destacar alguns sem desmerecer os outros.

FREI ANTÔNIO DA MADRE DE DEUS. Foi o terceiro superior do convento nos anos de 1612 a 1614. Faleceu no dia 12 de junho de 1621 em fama de santidade. Depois da sua morte foram tomados depoimentos sobre fenômenos que se deram em seu corpo, tidos como sobrenaturais.

FREI COSME DE SÃO DAMIÃO. Foi guardião do convento depois de ter sido Definidor e Custódio. Distinguiu-se, porém, como missionário entre os índios. Percorreu quinhentas léguas do Maranhão ao Rio de Janeiro. Bem sucedido em tudo, «permaneceu sempre puro, estrela brilhante», diz Jaboatão. Faleceu na Bahia a 1º de novembro de 1659.

FREI ANTÔNIO DE JESUS. «De grande caridade para com o próximo, mas rigoroso para si nas penitências». Faleceu aos 13 de junho de 1680, durante a missa que estava sendo celebrada na enfermaria.

FREI ESTÊVÃO DE JESUS. Alfaiate e enfermeiro, homem de muita oração. O povo tinha-o em conta de grande santo. Quando morreu, os seus admiradores, ávidos por possuírem uma relíquia, recortaram tanto o seu hábito que os religiosos se viram obrigados a revesti-lo com outro, que também foi podado até aos joelhos. Faleceu aos 2 de janeiro de 1687.

FREI FABIANO DE CRISTO. Irmão leigo, de nacionalidade portuguesa, faleceu aos 18 de outubro de 1747. Durante trinta e oito anos foi porteiro e enfermeiro. Atualmente os seus ossos estão depositados sob o altar de Nossa Senhora dos Anjos. Consta que operava milagres ainda em vida. Quando morreu, a avidez por relíquias suas foi tão grande que se tornou necessário revesti-lo várias vezes. No seu sepultamento tomaram parte o Bispo, o Governador, as Autoridades e pessoas de destaque, que atestaram fenômenos extraordinários em seu corpo. Foram feitos vinte e oito depoimentos sobre curas alcançadas por seu intermédio. A devoção a Frei Fabiano perdura até hoje. Atestam-no as paredes da capela revestidas por ex-votos.

FREI ANTÔNIO DO EXTREMO. Durante oito anos exerceu o cargo de Comissário da Ordem Terceira. Depois tornou-se missionário. Percorreu Goiás e Mato Grosso. Em outra excursão dirigiu-se para o sul. Passou por Curitiba, Rio Grande e chegou até a Colônia do Sacramento (Uruguai). Faleceu em São Paulo em 1753.

FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELOSO, que pesquisou a botânica fluminense, quando em 1809 voltou de Portugal, trouxe um Breve da Santa Sé que autorizava a Província a celebrar a festa do Sagrado Coração de Maria. Na primeira celebração houve solenissima procissão, durante a qual Frei Veloso carregou o andor «Banhado de lágrimas de ternura e de emoção para com a Santa Virgem».

FREI ROGÉRIO NEUHAUS. Nasceu em Borken, na Alemanha, aos 25 de novembro de 1863. Com menos de dois anos de ordenação sacerdotal veio ao Brasil em 1892. Durante trinta anos trabalhou em Santa Catarina e no Paraná principalmente entre os sertanejos. Ameaçado de cegueira, em 1922 foi transferido para o Rio de Janeiro a fim de se tratar. Mas continuou perdendo a visão. No fim da vida estava quase cego. Morreu aos 23 de março de 1934. Durante dez anos foi Comissário da Ordem Terceira da Penitência que, por gratidão, lhe cedeu um jazigo perpétuo em seu cemitério e custeou o seu sepultamento de primeira classe. A notícia de sua morte correu rapidamente. Durante o velório milhares de pessoas vieram dar-lhe o último adeus. Na hora da saída do seu féretro a concentração do povo era tão grande que interrompeu o trânsito no Largo da Carioca. Em doze anos Frei Rogério tornou-se conhecido em toda a cidade e granjeou fama de santo. Quase diariamente saía a visitar doentes de perto e de longe. Edificava a todos pela fé profunda, piedade ardente e caridade sem limites.

FREI CELESTINO MLODZIANOWSKI. Nasceu aos 7 de janeiro de 1881 e faleceu aos 18 de fevereiro de 1964. Viveu os seus últimos trinta anos no Convento de Santo Antônio. Durante este tempo ouviu milhares de confissões, pois era um diretor espiritual muito procurado. Por isso ninguém estranhou a «grande afluência de fiéis e amigos» para o seu sepultamento. Frei Celestino era natural de Polszy, perto de Wilna, de nacionalidade polonesa.

FREI CLETO BERTRAM. Nasceu em Drolshagen, na Alemanha, aos 7 de janeiro de 1887 e faleceu neste convento aos 8 de julho de 1958. Sempre exerceu o ofício de porteiro. Neste convento desde 1932 até à sua morte, apenas com uma breve interrupção por motivo de saúde. Ardente devoto do Divino Espírito Santo, fundou a «Pequena Obra do Amor Divino», que existe até hoje. Sempre caridoso e de muita oração, edificava a todos que dele se aproximavam. Depois de passar o dia inteiro em estafante

serviço da portaria, recolhia-se à igreja, onde se quedava horas em oração diante do Senhor no tabernáculo. A crônica, dando notícia de sua morte, diz no fim: «E assim nos deixou mais um santo da nossa comunidade».

FREI BENEDITO BUENO. Nasceu em Serra Negra, São Paulo, aos 15 de janeiro de 1902 e faleceu aos 5 de agosto de 1967. Foi religioso humilde, caridoso e de muita piedade. Tinha o ofício de porteiro e exerceu-o em seus últimos anos neste convento. Diz dele o cronista: «Atendia a todos com muita paciência e visível caridade». O povo tinha-o em grande estima e considerava-o como santo.

FREI JANUÁRIO BAUER. Nasceu na cidade de Colônia, na Alemanha, aos 14 de março de 1884. Faleceu no Rio de Janeiro aos 26 de janeiro de 1972. Quando entrou na Ordem já contava vinte e nove anos de idade. Chegou ao Brasil no dia 3 de junho de 1911. Por três vezes o dia vinte e seis de janeiro foi data marcante em sua vida. Em 1913 entrou na Ordem, em 1919 foi ordenado sacerdote, em 1972 deixou o mundo e seguiu para o céu. Terminados os estudos trabalhou durante cinco anos na pastoral. De 1925 a 1940 foi Mestre de noviços, de 1941 a 1953 foi Mestre Espiritual e professor de clérigos estudantes. Em janeiro de 1953 foi transferido para o Convento de Santo Antônio, onde exerceu o difícil cargo de confessor até ao fim de sua vida.

A renúncia que Frei Januário fez ao mundo foi total. Jamais tornou a ver a sua pátria e os seus parentes. Praticou a mais perfeita pobreza, humilde obediência e generosa caridade. Viveu no amor a Deus e ao próximo.

FREI DONATO BUECKER. Nasceu aos 11 de março de 1893 em Benteler, na Alemanha. Veio ao Brasil ainda estudante. Entrou na Ordem aos 14 de janeiro de 1914 e ordenou-se sacerdote aos 20 de dezembro de 1919. Faleceu aos 30 de outubro de 1973. Trabalhou sempre na pastoral. Começou e terminou as suas atividades no Rio de Janeiro. Dos seus quase cinqüenta e quatro anos de sacerdote, viveu vinte e oito neste convento. Foi guardião de Petrópolis, Curitiba e Niterói. Nesta última cidade construiu o Convento da Porciúncula de Sant'Ana.

Foi religioso e sacerdote exemplar, de profunda fé, piedoso e perseverante no trabalho. Destacou-se especialmente pela prática da espiritualidade franciscana. Foi Diretor de Fraternidades e Comissário Provincial da Ordem Terceira. Conseguiu levar uma vida de justo no sentido bíblico. Para muitos, especialmente para os seus penitentes, foi um guia seguro no caminho da perfeição religiosa.

Quadro-retrato do famoso pintor russo (1892) Ismailovitch que, a partir de 1927, morou no Rio de Janeiro. Os três frades (Celestino, Pedro e Tomás) resumem bem a vida franciscana do Convento de Santo Antônio na sua última fase, isto é, depois da Província restaurada.

11. ATIVIDADES PASTORAIS

Os Franciscanos, para serem fiéis ao espírito de São Francisco, devem viver segundo o Santo Evangelho e ajudar o próximo a fazer o mesmo no estado de vida que levam. Para cumprir esta missão é necessário que participem de algum modo de trabalhos pastorais. Aqui queremos referendar alguns dos tempos antigos, que do presente alguém os fará no futuro.

ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA. Constituiu a primeira atividade pastoral assumida pela Comunidade do Convento de Santo Antônio. Ainda antes de terminada a igreja, já o casal Luís Figueiredo e sua mulher Ana Carneiro, noviços que vieram de Lisboa, fizeram a profissão aos 20 de março de 1619. Em breve associaram-se outros e constituiu-se a Fraternidade, que ainda no mesmo ano começou a construir a sua capela própria, ligada por um arco à igreja conventual, que se conserva até hoje. Muito fervorosa no começo, no correr do tempo esta Fraternidade assumiu a forma de uma instituição essencialmente beneficente.

RECOLHIMENTO DA AJUDA. Esta fundação foi idcada por Frei Cristóvão da Madre de Deus Luz, nascido no Rio de Janeiro, várias vezes guardião do convento, Visitador e Presidente do Capítulo e duas vezes Provincial. Com apoio moral e material do Administrador Eclesiástico Dr. Francisco da Silveira Dias, seu irmão, construiu um recolhimento junto à capela de Nossa Senhora da Ajuda, na esquina da rua dos Borbonos, atualmente Evaristo da Veiga, no qual aos 19 de julho de 1678 se instalaram Dª Francisca Barbalho, suas filhas e mais duas meninas de distintas famílias. Este recolhimento foi transformado em mosteiro por uma Provisão Régia de 19 de fevereiro de 1705, que autorizava uma nova construção com capacidade para abrigar cinqüenta monjas, sob a condição, porém, de professarem a regra de Santa Clara. A assistência espiritual foi entregue aos Franciscanos, que perdura até hoje.

BAIXADA FLUMINENSE. Desde cedo as atividades dos Franciscanos estenderam-se sobre a vasta Baixada Fluminense. Dizem-no bem claramente dois documentos. O autor do primeiro é o Padre Francisco Silveira Dias, que administrou a circunscrição eclesiástica de 1670 a 1681. Diz ele: «Apresentou-se diante de mim na era de 1681 o Padre Frei Manoel das Chagas, Missionário Apostólico, e um companheiro... Por ordem do seu Provincial e minha licença percorrerão estes povos circunvizinhos, pregando a doutrina ao Gentio de uma e de outra nação». O mesmo documento acrescenta: «Andaram como ordinariamente andam os religiosos de São Francisco em decurso de todo o ano pelos recôncavos da Cidade». O segundo documento é uma certidão da Câmara, passada aos 20 de janeiro de 1687, na qual se lê: «São muito amados por todo este povo. Andam pelos recôncavos desta Cidade... com licença dos párocos». Também hoje os Franciscanos estão presentes na Baixada Fluminense em Caxias, Meriti, Piabetá e Nilópolis.

ASSISTÊNCIA AOS PADECENTES. Chamavam-se padecentes os condenados à morte. A assistência consistia em passar com eles as últimas horas antes da execução, confessá-los, celebrar-lhes a missa, dar-lhes a Santa Comunhão e acompanhá-los ao patíbulo. Quando em 1759 os Jesuítas

foram expulsos, a espinhosa missão coube aos Franciscanos. A mais famosa execução que eles assistiram foi a de Tiradentes.

Assistência aos Pobres. Desde os tempos mais remotos o Convento de Santo Antônio prestou assistência aos pobres. Além dos que pediam e recebiam esmolas, havia uma mesa particular em que pobres adotados pelo convento jantavam diariamente. Famílias pobres recebiam mensalmente determinada porção de provisões, levadas às suas residências. Ainda em 1827 cinqüenta famílias recebiam este benefício. Com a restauração do convento recomeçaram as obras de caridade. Atualmente existem duas associações, a do Pão dos Pobres e a da Pia União de Santo Antônio, que cooperam nas obras de caridade. Centenas de pobres recebem mesadas, roupas e cobertores. Todas as manhãs forma-se longa fila de pobres em busca do pão que lhes é distribuído e muitos pedem e recebem auxílio na portaria. Ultimamente foi instalado um ambulatório médico de atendimento gratuito.

Assistência aos Leprosos. O conde de Bobadela, compadecido dos leprosos, asilou-os por própria conta em pequenas casas em São Cristóvão. Pediu ao Convento de Santo Antônio que lhe mandassem alguns «donatos» para servirem de enfermeiros. Depois da sua morte o bispo encarregou a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária de zelar pelos leprosos. Os Franciscanos continuaram a mandar enfermeiros, «vítimas de caridade». Destacou-se de modo especial o irmão Francisco de Nossa Senhora da Candelária, que assistiu no hospital desde 1781 até 1808. Diz F. B. Marques Pinheiro que os frades do convento prestaram «muitos e relevantíssimos serviços». Esta assistência só terminou por falta de número de religiosos.

Assistência em Fortalezas e Navios. Desde o princípio do século XVIII os Franciscanos eram capelães em fortalezas e navios. Só deixaram de exercer este cargo quando o número de frades se tornou demasiadamente reduzido. Segundo a declaração do Superior Provincial, feita à Câmara em 1841, quase todos os navios que fizeram guerra da Independência, que foram enviados em diversas ocasiões à Europa e que serviram na luta do Rio da Prata, tinham capelães tirados deste convento.

12. ATIVIDADES CULTURAIS

Desde o início, o Convento de Santo Antônio foi um centro de estudos e de cultura. Já no ano de 1650 o Custódio Frei Sebastião do Espírito Santo, prevendo o futuro certo para os conventos do sul, abriu cursos de Filosofia e Teologia que, com pequena interrupção, se mantiveram até à decadência da Província.

CONVENTO UNIVERSIDADE. Pelo alvará régio de 11 de junho de 1776 foi instituída neste convento a Universidade com treze cadeiras. Ensinavam-se as línguas latina, grega e hebraica, teologia dogmática, moral e exegética; filosofia, história e retórica. A última notícia historicamente comprovada sobre esta Universidade é a nomeação de Frei Joaquim das Santas Virgens Salazar para a cadeira de língua hebraica, assinada em 1805. As preleções desta Universidade tornaram-se tão apreciadas que as escolas régias se esvaziavam e levaram os professores de humanidades a dirigir, aos 15 de janeiro de 1787, uma representação queixosa à Sua Majestade.

PROFESSORES NO SEMINÁRIO. A projeção cultural do Convento de Santo Antônio chegou a ser tamanha, que muitas entidades de ensino recorriam a ele pedindo professores. O Seminário Episcopal foi o que mais desfrutou. Lecionaram nele: Frei Capistrano de São Bento, professor de Sagrada Escritura e de Teologia moral, desde o ano de 1780; Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho, professor de Filosofia desde 1787. O Capítulo Provincial de 1801 designou três religiosos para lecionarem no Seminário. A pedido do bispo, o professor catedrático de Teologia dogmática passou a residir no Seminário «para melhor aproveitamento dos alunos». Em 1829 Frei Francisco de Monte Alverne foi nomeado professor de retórica. Em 1835 três cadeiras eram ainda ocupadas por Franciscanos. Outros lecionaram nos Seminários de Sant'Ana e dos Carmelitas em São Paulo, filosofia em Vitória, Taubaté e Itu.

13. VULTOS NOTÁVEIS

Muitos Franciscanos de fama viveram ou passaram temporadas no Convento de Santo Antônio.

FREI VICENTE DO SALVADOR foi o primeiro superior da comunidade e o primeiro brasileiro a escrever uma História do Brasil. De 1614 a 1617 foi também Custódio da Província. Nasceu no ano de 1567, no Recôncavo da Bahia. Faleceu entre 1636 e 1639.

FREI APOLINÁRIO DA CONCEIÇÃO, célebre pesquisador da História da Ordem Franciscana. Pelos seus trabalhos recebeu do Ministro Geral o título de Cronista da Província. Faleceu em 1760.

FREI MARIANO DA CONCEIÇÃO VELOSO, escreveu a volumosa obra «Flora Fluminensis». Traduziu trabalhos científicos do espanhol, italiano, francês e inglês. Entre próprias e traduzidas, deixou trinta obras. Foi sócio da Academia de Ciências de Lisboa. Nasceu na Vila de São José da Comarca do Rio das Mortes, em Minas Gerais. Faleceu neste convento aos 13 de junho de 1811.

FREI FRANCISCO SOLANO BENJAMIM, nasceu em Macacu. Foi companheiro de Frei Veloso em viagens de pesquisas botânicas e seu desenhista. Executou mil estampas de plantas classificadas. Existem no convento painéis a ele atribuídos de Nossa Senhora, do Senhor da Paciência, de Santa Isméria e um quadro alegórico representando a fé abraçada à caridade. Faleceu no ano de 1818.

FREI ANTÔNIO DE SANTA ÚRSULA RODOVALHO nasceu em Taubaté. Foi um dos mais sábios que a Província teve, afamado orador, grande mestre de filosofia e Teologia. Aos 8 de outubro de 1808 foi eleito Provincial e aos 25 de abril de 1810 nomeado bispo de Angola, mas por motivos de saúde renunciou antes de ser sagrado. Aos 11 de janeiro de 1811 renunciou também ao cargo de Provincial. Faleceu em 1817.

FREI FRANCISCO DE SÃO CARLOS nasceu aos 13 de agosto de 1763 e faleceu aos 6 de maio de 1829. Foi grande poeta, orador sacro e religioso de muita piedade.

FREI FRANCISCO DE MONTE ALVERNE. Nasceu no Rio de Janeiro aos 9 de agosto de 1784. Foi teólogo da Nunciatura, professor de Teologia, filosofia e retórica, correspondente de vários institutos culturais, projetou-se especialmente como orador sacro. Editou sermões de sua lavra em «Obras Oratórias». Em 1837 teve o dissabor de cegar completamente. Com muita paciência carregou esta sua cruz até à morte que aconteceu aos 2 de dezembro de 1854.

FREI DIOGO FREITAS foi o esteio que garantiu a continuidade da existência da Província, prestes a extinguir-se. Nasceu a 1º de janeiro de 1870, em Humildes, Estado da Bahia. Era seminarista diocesano, quando resolveu tornar-se franciscano e cooperar para a restauração da Ordem no Brasil, juntamente com os frades alemães que vieram para este fim, fazia três anos. A primeiro de novembro de 1894 recebeu o hábito de noviço no Convento de São Francisco em Salvador. Fez a profissão simples aos 3 de novembro de 1895 e a solene aos 4 de novembro de 1896. Aos 29 do mesmo mês e ano foi ordenado sacerdote. Já aos 20 de dezembro chegou a Petrópolis.

Os superiores transferiram-no para a zona da Província da Imaculada Conceição por ser ele brasileiro nato, pelo que Frei João do Amor Divino Costa poderia ser mais facilmente induzido a incorporá-lo com alguns outros confrades já naturalizados à sua Província e assim assegurar-lhe a restauração. Mas isto só aconteceu aos 26 de abril de 1899. Nesta ocasião Frei Diogo foi nomeado guardião do Convento de Santo Antônio, cargo que exerceu até ao Capítulo Provincial de 1920, no qual foi eleito para definidor. Continuou, porém, a residir no mesmo convento até ao

Capítulo de 1923, no qual foi transferido para o Convento de São Francisco de São Paulo, onde residiu até ao fim de sua vida, 23 de dezembro de 1954.

Demonstrou seu amor ao Franciscanismo pela vida humilde e devota e pelas pesquisas que fez sobre a História da Província, das quais resultaram as seguintes publicações: Convento de Santo Antônio (Resumo Histórico), Ed. Vozes, 1915; Resumo Histórico de 120 páginas em A Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, Ed. Vozes, 1922; Sólio Seráfico do Brasil, em que apresenta dezenove bispos franciscanos, Ed. Vozes, 1926; Elenco Biográfico dos Religiosos Antigos da Província da Imaculada Conceição, Ed. Vozes, 1931.

FREI PEDRO SINZIG nasceu aos 29 de janeiro de 1876 em Linz, na Alemanha. Ainda jovem veio ao Brasil e viveu a maior parte de sua frutuosa existência no Convento de Santo Antônio. Era inteligente, ardoroso e perseverante em seus princípios e trabalhos. Dedicou-se especialmente à música, compondo e dirigindo. Foi fundador e redator das revistas «Música Sacra» e «Orfeão Brasileiro» e o principal autor do Manual de Cânticos «Cecília». Incansável apóstolo da boa imprensa, colaborou em jornais e revistas. Escreveu também alguns romances. Mas em tudo e sobretudo foi frade e sacerdote. Faleceu aos 8 de dezembro de 1952 em Duesseldorf, para onde fora em busca de alívio da asma que o martirizava havia muitos anos. Seu corpo foi embalsamado e transladado para o Rio de Janeiro «como preito de homenagem da Província a um de seus grandes filhos e a pedido de muitos amigos e admiradores de sua cultura religiosa, literária e musical. A pedido da Família Francisco de Oliveira foi sepultado no jazigo perpétuo da mesma», no cemitério de São João Batista.

FREI BASÍLIO ROEWER nasceu aos 2 de novembro de 1877 em Hardenberg na Alemanha, e faleceu aos 19 de agosto de 1958 no Rio de Janeiro. Fez laboriosas investigações sobre a História dos Franciscanos no Brasil e publicou-as nas seguintes obras: Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro (1937); Páginas de História Franciscana no Brasil (1941); A Ordem Franciscana no Brasil (1942); História da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil (1948). Por estes trabalhos recebeu da Universidade de São Boaventura nos Estados Unidos da América o título de doutor h. c.

FREI MANSUETO KOHNEN nasceu aos 18 de junho de 1910 em Brand, na Alemanha, e faleceu aos 2 de julho de 1966 em Ruesselheim, na Alemanha, para onde fora tratar da saúde. Seus amigos providenciaram a transladação do seu corpo para o Convento de Santo Antônio, onde está sepultado. Veio ao Brasil ainda seminarista. Entrou na Ordem aos 21 de janeiro de 1930 e ordenou-se sacerdote aos 30 de novembro de 1935.

Depois de lecionar alguns anos no Colégio Diocesano de Lajes, veio ao Rio de Janeiro para estudar sociologia e literatura brasileira. Em 1941 assumiu a cadeira de Literatura Germânica na Universidade Católica. Em 1958 tornou-se catedrático da mesma cadeira na Universidade do Brasil, depois de ter defendido uma tese e recebido o título de doutor. Foi sócio de vários institutos culturais nacionais e estrangeiros. Escreveu alguns livros de assuntos religiosos. A sua obra principal, porém, é a História da Literatura Germânica. O Science College de New York outorgou-lhe o título de doutor h. c.

FREI TOMÁS BORGMEIER, nasceu em Bielefeld, na Alemanha, aos 31 de outubro de 1892. Entrou na Ordem aos 10 de janeiro de 1911, ordenou-se sacerdote aos 9 de maio de 1918. Terminados os estudos, lecionou por alguns anos a Sagrada Escritura no Instituto Teológico de Petrópolis. Em 1925 foi transferido para o Convento de Santo Antônio, quando então começou as pesquisas entomológicas. Em 1931 fundou a Revista Entomológica que até 1951 produziu vinte e dois volumes. Impossibilitado de continuar a mantê-la, transformou-a, com a ajuda efetiva de Frei Walter Kempf, em *Studia Entomologica*, editando anualmente um volume, sempre com trabalhos originais especialmente sobre insetos da zona tropical, escritos em várias línguas, que já compõem quinze volumes. Esta atividade colocou-o em comunicação com muitas sociedades científicas do ramo que o inscreveram no elenco de seus sócios. E' considerado um dos maiores entomólogos contemporâneos. Recebeu o título de Doutor h. c. da Universidade de São Boaventura e o de Lente Geral da Ordem. Sobre sua especialidade publicou 251 trabalhos com mais de cinco mil páginas. Descreveu mais de mil espécies de forídeos, cem de formigas e algumas dezenas de coleópteros mirmecófilos. Organizou duas grandes coleções, uma de formigas que passou às mãos de Frei Walter Kempf, continuador de suas pesquisas, e a outra de forídeos, cedida ao Museu Zoológico da Universidade de São Paulo.

De 1941 a 1952 foi diretor da Editora Vozes e redator da revista *Vozes de Petrópolis*. Nesta época fundou a *Revista Eclesiástica Brasileira* e a *Sponsa Christi*. Ao mesmo tempo dava assistência religiosa aos cegos do asilo Sagrada Família, em Jacarepaguá, onde residiu desde 1952, mas fazendo parte da comunidade do Convento de Santo Antônio. Faleceu a 11 de maio de 1975.

FREI DAMIÃO BERGE nasceu no Rio de Janeiro aos 29 de agosto de 1895. Fez os estudos nos seminários da Ordem, na qual ingressou aos 26 de janeiro de 1913 e ordenou-se sacerdote em 1919. Em 1920 trabalhou na pastoral em Florianópolis. De 1921 a 1925 foi professor de línguas clássicas nos seminários de Blumenau e Rio Negro. Em seguida foi enviado à Europa, onde estudou ciências clássicas da antiguidade, psi-

cologia experimental, arqueologia clássica e elementos de pedagogia nas Universidades de Bonn e de Friburgo, doutorando-se em filosofia. Voltou a lecionar em Rio Negro de 1929 a 1932, tempo em que iniciou a redigir o manual *Ars Latina*. Em 1933, por motivos de saúde, foi transferido para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na pastoral na Paróquia de Nossa Senhora da Paz. Em 1938 foi nomeado catedrático interino de História da Filosofia na Universidade do então Distrito Federal. Quando esta foi incorporada à Universidade do Brasil, continuou a ensinar a mesma matéria. Em 1943 aceitou a transferência para a cadeira de língua e literatura grega, na qual foi efetivado em 1948 após o concurso de títulos e provas e defesa de tese, pelo que recebeu o título de doutor em Letras clássicas. Em 1965, com setenta anos de idade, foi aposentado. De 1941 a 1943 ensinou também língua e literatura latina na Universidade Católica.

Publicou em jornais e revistas: Marco Múcio Felix e suas idéias acerca da demonologia de sua época (1929), que foi a sua tese doutoral; A estrutura fundamental do sentimento religioso à luz da psicologia experimental (1939); A estrutura psicológica da oração devota (1942); Spiritus, sua semiologia na literatura latina até Tertuliano (Coimbra 1951); O Logos Heraclítico (1969). Entre 1950 e 1970 escreveu São João Crisóstomo e a filosofia pagã e Livro de Horas, Mss Iluminados da Biblioteca Nacional. Estes dois estudos foram doados, em 1973, à Abadia de Santa Maria das monjas beneditinas de S. Paulo. Frei Damião é membro da Société des Etudes Grecques de Paris, da Society for Promotion of Greek Studies de Londres e de duas sociedades culturais dos Estados Unidos da América.

Três Grandes Músicos:

FREI JOÃO DE SANTA CLARA PINTO nasceu em 1735 e faleceu em 1825. Dono de ouvidos afinados, de voz possante e melodiosa, encantava a todos os que o ouviam. Foi mestre de coro em vários conventos e compôs músicas de estilo do cantochão.

FREI FRANCISCO DE SANTA EULÁLIA entrou na Ordem em 1778. Poucas de suas composições são conhecidas, mas suficientes para avaliar o seu talento musical. Faleceu em 1814.

FREI ELIAS DE SANTO ANTÔNIO entrou na Ordem em 1802. Foi músico festejado dentro e fora do convento. Manejando com fabulosa habilidade o órgão, fazia-o comunicar aos ouvintes os sentimentos e os arroubos que se apoderavam de sua alma. Foi um dos mais procurados organistas para tocar na capela real. Não perseverou na ordem. Secularizou-se.

14. OS FRADES EM DATAS HISTÓRICAS

INVASÕES FRANCESAS. Na invasão de 19 de setembro de 1710, que foi vitoriosamente repelida, dois frades distinguiram-se por bravura. Infelizmente os seus nomes não foram anotados. No ano seguinte os franceses fizeram nova invasão. Durante os combates de 12 para 13 de setembro de 1711, muitos dos habitantes da cidade refugiaram-se no convento. As forças inimigas venceram, invadiram o convento e saquearam-no, roubando ou destruindo o que não puderam carregar. Mas a vitória foi efêmera. De Minas Gerais desceu o General Antônio de Albuquerque Coelho, entrou em luta e repeliu os invasores. Estabeleceu o quartel-general no convento e permaneceu nele até que flutuasse a bandeira de Portugal em todas as fortalezas.

VINDA DA FAMÍLIA REAL. Aos 7 de março de 1808, o Provincial e o guardião foram a bordo para o beija-mão do Príncipe Regente D. João VI que saíra de Portugal para não cair nas mãos do exército de Napoleão. Na missa solene em ação de graças pela feliz viagem, celebrada na Igreja do Carmo, no dia doze, o sermão coube ao franciscano Frei Joaquim de São José que viera com a Família Real, na qualidade de capelão e confessor. Com ele veio também, com o cargo de confessor e educador de D. Pedro, Frei Antônio da Arrábida, mais tarde eleito e sagrado bispo titular de Anemúria e auxiliar do Rio de Janeiro com direito à sucessão, mas renunciou em 1833. Viveu no convento até à sua morte em 1850.

Talvez o Príncipe Regente não esperasse encontrar no Brasil franciscanos de alto gabarito cultural. Em breve, porém, convenceu-se do contrário. Percebendo os dotes oratórios de Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho, de Frei Joaquim de Santa Leocádia, de Frei Francisco de São Carlos e de Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio, nomeou-os, já em agosto de 1808, pregadores da Capela Real.

A Casa de Bragança cultivava especial devoção a São Francisco. Por esse motivo, todos os anos, o Príncipe passava no convento o dia da festa de São Francisco. Almoçava com os frades, servindo-se da mesma comida e usando os talheres do convento.

INDEPENDÊNCIA DO BRASIL. Quando no dia 21 de abril de 1821 D. João VI embarcou de retorno a Portugal, deixou seu filho D. Pedro como Regente do Brasil. Os políticos que pugnavam pela independência aproveitaram a circunstância para incentivar a campanha. Papel importante coube a Frei Sampaio, com quem D. Pedro mantinha amizade e o visitava freqüentemente em sua cela, onde também os políticos se reuniam para estudar e planejar as normas a seguir.

Quando em 1821 D. Pedro hesitava entre obedecer às Cortes de Portugal e voltar ao país ou permanecer no Brasil, Frei Sampaio não poupou

esforços para convencê-lo a ficar. Elaborou o célebre manifesto do povo, que aos 9 de janeiro de 1822 o levou em grande passeata cívica até ao Palácio, pedindo que permanecesse no Brasil. Depois de lê-lo, D. Pedro dirigiu-se a José Clemente e proferiu a histórica frase: «Como é para o bem de todos e a felicidade geral da nação, diga ao povo que eu fico».

Os Franciscanos não tiveram dúvidas em dar plena adesão à Independência. O Provincial Frei Antônio de São José Mariano, brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, mandou carta circular a todos os conventos, mandando celebrar públicas e solenes ações de graças e na sagração do Imperador compareceu entre os dignitários para prestar o juramento de fidelidade. Frei Sampaio, que nesta solenidade fez o sermão, continuou a prestigiar o Imperador, apoiou plenamente a sua idéia de fundar um Império Constitucional e apresentou-lhe um projeto de Constituição.

15. DECADÊNCIA DO CONVENTO

No fim do século XVIII o Convento de Santo Antônio já não era uma árvore sadia, cheia de flores e de frutos, mas enfraquecida, depauperada, improdutiva, próxima da extinção. Entre as causas principais da decadência deve ser incluída a indébita intromissão do poder civil em assuntos de vida religiosa. Entre estas intromissões ocupa lugar proeminente a proibição de admitir noviços, decretada em 1764 pelo Marquês de Pombal. Este decreto pretendeu, a longo prazo, trancar as portas dos conventos. Os claros já existentes entre os religiosos ampliavam-se cada vez mais ou pela morte ou pela secularização. Nem as esporádicas licenças dadas pelo governo para aceitar noviços conseguiam barrar a decadência que, em 1825, se tornara vertiginosa e, em 1855, irreversível. Enquanto em 1796 a Província contava com 212 membros, dos quais 88 residiam no Convento de Santo Antônio, em 1855 existiam somente vinte religiosos, dos quais dez no dito convento. Aos 19 de março de 1855 o governo imperial baixou uma portaria, achando «por bem cassar as licenças concedidas para a entrada de noviços nessa Ordem». Foi a sentença de morte para todas as Ordens, pois foi dirigida a todas elas.

Aos 19 de junho de 1870 faleceu o Provincial Frei Antônio do Coração de Maria, que exerceu este cargo desde 1856. A partir de 1863 era ele Provincial somente de nove religiosos. Menos de um mês depois de sua morte, aos dois de julho, com apenas quatro religiosos presentes, Frei João do Amor Divino Costa foi eleito Vigário Provincial. Era o mais moço de todos, com quarenta e um anos de idade. Permaneceu neste cargo até aos 7 de dezembro de 1909, dia de sua morte.

Desde 1878 Frei João era o único sobrevivente da Província. Morava fora do convento, mas defendia e mantinha os direitos da Província sobre todos os conventos. Sabia que com a sua morte todos passariam às mãos

do Governo. Apesar disso, somente aos 26 de abril de 1899 admitiu à Província dois frades pertencentes à Província alemã da Santa Cruz, que já desde 1891 enviava religiosos para restaurar as duas Províncias no Brasil. Um deles era Frei Diogo Freitas, nascido em Humildes, na Bahia que, sendo seminarista secular, entrou na Ordem no dia 1º de novembro de 1894. O outro era Frei Crisólogo Kampmann, da Província de Santa Cruz.

16. OCUPAÇÕES DO CONVENTO

Em vista da diminuição do número de frades, o governo achou-se com direito de utilizar o convento para serviços públicos. Aos 18 de março de 1854, por uma portaria do Ministério de Negócios, Sua Majestade pediu a cessão de algumas salas para instalar o Arquivo Público. Os religiosos concordaram, mas pediram que se lhes desse em esmola a quantia ou parte dela que constava no orçamento de aluguel de uma casa destinada para o mesmo fim. Foram cedidas as salas de barbearia e a cela de Frei Sampaio, onde o Arquivo permaneceu até 1872.

Aos 24 de setembro de 1855 o Ministro da Justiça requereu dependências do convento para instalar, por tempo indeterminado, o Júri.

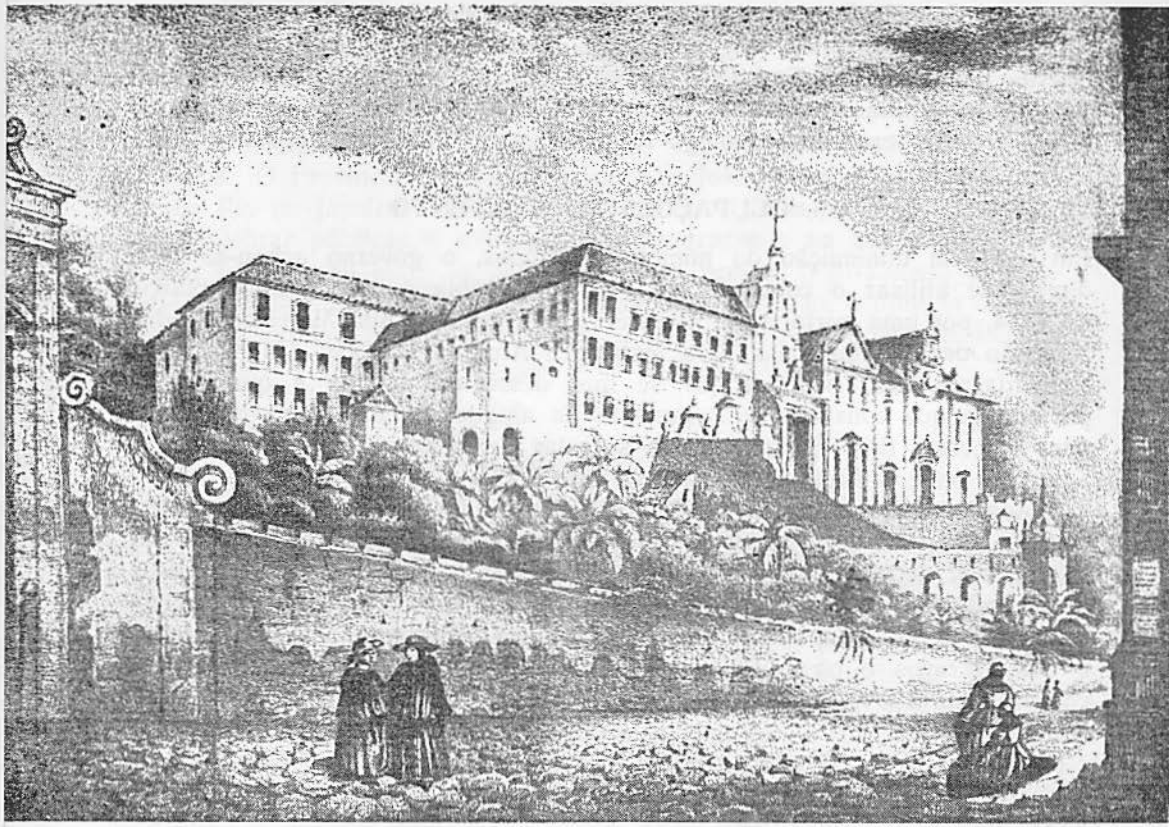
Aos 27 de junho de 1885 aquartelou-se no convento o Sétimo Batalhão de Intendência. Na véspera o próprio Imperador inspecionou as dependências a serem ocupadas: refeitório, cozinha, enfermarias dos religiosos e dos escravos e os edifícios no morro. Este batalhão permaneceu no convento até 1901.

17. RESTAURAÇÃO DO CONVENTO

Logo depois da incorporação dos dois frades à Província, Frei Diogo assumiu o cargo de guardião e, devido às circunstâncias, permaneceu nele até 1920. Prejudicado pela presença de Frei João, que fazia questão de continuar na administração do convento, nada pôde fazer de importante até a data do seu falecimento.

Por isso, somente nos princípios de 1910 Frei Diogo pôde começar a agir. Primeiramente providenciou a retirada das dezessete famílias que moravam em casebres construídos nos terrenos do convento. Em seguida demoliu estes casebres, as enfermarias e as casas em frente da biblioteca. Com o material das demolições construiu o muro na parte sul do convento. Retelhou todo o convento e a igreja. Colocou bandeiras sobre as portas das celas para proporcionar-lhes melhor arejamento e mais iluminação nos corredores. Abriu janelas no corredor dos fundos e instalou banheiros e sanitários.

Em 1911 instalou a luz elétrica, desfez a capela de Santo Aleixo na sala do Capítulo para criar lugar à porta que atualmente a comunica com o saguão da portaria. Submeteu a sala a radical limpeza, retirou as sepulturas e assoalhou o chão.



O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, em 1821.

Em 1912 todas as paredes externas, dentro e fora do claustro, foram raspadas, consertadas e pintadas e as janelas receberam vidraças. Foram retiradas as campas de madeira sobre as sepulturas do claustro e suas covas aterradas e calçadas com os fios de pedra retirados das sepulturas da igreja.

Em 1913 foram arrancadas as lajes do pátio e plantado o belo jardim que até hoje purifica o ar e deleita as vistas. A outrora cela de Frei Sampaio foi adaptada para biblioteca.

Em 1915, na ocorrência do terceiro centenário da instalação do convento, houve solene Pontifical celebrado pelo Cardeal Arcoverde, durante o qual o célebre orador redentorista Padre Júlio Maria falou sobre o significado da comemoração. Além dessa comemoração, Frei Diogo editou um folheto, narrando a história do convento.

Na celebração das festas jubilares episcopais do Cardeal Arcoverde, ainda em 1915, a Comissão de festejos organizou para o dia 26 de outubro um grande jantar para os pobres que, com licença da Santa Sé e dos Superiores da Ordem, se realizou no claustro do convento e do qual participaram quatrocentas pessoas.

Desde 1912 os franciscanos deste convento visitavam os soldados doentes no Hospital da Brigada Policial. Para prevenir dificuldades, desde que o Brasil entrou em guerra com a Alemanha, só Frei Diogo continuou a visitá-los. Durante a malfadada gripe espanhola atenderam os casos no dito hospital e no Hospital Central do Exército, além de freqüentes chamadas de particulares.

Os anos de 1920 a 1929 foram de grandes restaurações. Logo que Frei Inácio Hinte assumiu o cargo de guardião, ativou as obras da restauração. Fez melhoramentos na cozinha e no refeitório e construiu um muro no topo do morro atrás do convento.

Em 1923 desobstruiu a canalização das águas pluviais que freqüentemente inundavam o claustro. Transformou o porão do convento em sala de reuniões da Ordem Terceira. Fechando os arcos da base do cárcere com parede e vidraças, conseguiu mais uma sala arejada e bem iluminada. Entre as duas instalou uma cozinha para preparo de café nos dias de reuniões gerais e de refeições em dias de retiro.

Em 1925 reformou a ala da frente. Aproveitou a ocasião para deixar um espaço livre no primeiro andar, no qual desemboca a escada que sobe ao lado da portaria.

De 1926 a 1929 o cargo de guardião coube a Frei Júlio Janssen. Continuando os trabalhos da restauração, reformou a ala sul do convento. Suprimiu nas extremidades do corredor as duas escadas que davam para o segundo andar e colocou uma só no meio da ala. Não reconstruiu as celas no lado do claustro, mas reservou todo o espaço para a biblioteca. Transformou a sacristia da capela dos Três Corações em quarto de depósito. Na parte oposta, dum lado da escada, instalou quatro celas e, do outro, ampla enfermaria com capela e banheiros.

Em 1927 Frei Júlio viajou à Alemanha em visita aos parentes. Em sua ausência Frei Inácio continuou a restauração, atacando a ala aderente à igreja. Todas as celas do primeiro andar foram reservadas aos hóspedes. No segundo andar foi colocado somente o soalho, ficando a divisão das celas para mais tarde. Em seguida, iniciou a restauração da ala dos fundos, na qual foram executados idênticos trabalhos aos da anterior. No claustro, o altar de Nossa Senhora da Consolação foi transferido da atual portaria para a capela do Bom Jesus. Desta maneira criou-se adequada acomodação para o expediente do porteiro.

De 1929 a 1932 foi o triênio de Frei Justo Scheidgen. Do seu tempo há somente duas referências a fazer: Armou a capela de Nossa Senhora

da Consolação e colocou nas paredes do claustro as lápides que Frei Inácio retirara das sepulturas da Igreja. As obras da restauração do convento já estavam praticamente terminadas. Desde aquele tempo cabe aos responsáveis cuidar da conservação e não introduzir modificações que destoem do estilo e da antigüidade do convento, como aconteceu em 1973 com a entrada para o refeitório.

18. TENTATIVA DE SEQÜESTRO DO CONVENTO

No dia 4 de setembro de 1911 deu-se um episódio que não deve cair no esquecimento. Sem prévio aviso apareceram no convento o segundo Procurador da República Dr. Albuquerque de Melo e o Diretor do Patrimônio Nacional Dr. Alfredo Rocha para despejar os frades e seqüestrar o convento. O diretor do Patrimônio exigiu que os frades deixassem o convento imediatamente. Mas interveio o Procurador e a saída foi adiada. Ambos retiraram-se, mas deixaram o convento sob a guarda de Mário Azevedo Coutinho e dois policiais. No dia seguinte o Dr. Rocha voltou e exigiu que os frades cumprissem a ordem de despejo, até às quatro horas da tarde do dia seguinte.

No dia 5 de setembro os jornais deram noticias por demais vagas sobre o episódio. Mas apareceu neles também um convite da União Católica Brasileira, cujo teor é o seguinte: «A União Católica Brasileira, Associação de Mocidade, convida a todos os católicos do Rio de Janeiro para assistirem à saída dos Religiosos Franciscanos do seu Convento do Largo da Carioca, hoje até às quatro horas da tarde, hora em que serão expulsos estes Religiosos de sua residência. A Mocidade Católica convida a todos os Vicentinos, todas as Associações, todos os Católicos para se reunirem junto ao Convento, durante todo o dia para assistir os Religiosos e confortá-los».

O povo reuniu-se em massa. O Executivo soube do desagradável incidente. O Ministro do Exterior apressou-se em apresentar desculpas ao Núncio Apostólico. E os frades permaneceram no convento. Depois desta encenação tragicômica o Governo moveu ainda processo, tentando apoderar-se do convento. Mas perdeu a questão e foi condenado a pagar as custas. Recorreu então ao Supremo. Este somente depois de seis anos apreciou o mérito da causa e unanimemente negou-lhe provimento. Publicada a sentença aos 7 de junho de 1918, o Executivo revogou a ordem de seqüestro no dia 17 de abril de 1919.

19. O MORRO DE SANTO ANTÔNIO

O Morro de Santo Antônio teve movimentada e interessante história. Apesar de já estar reservado à Ordem dos Carmelitas, foi doado e escriturado

em favor dos Franciscanos. Hoje sobra dele somente o mínimo necessário para a estabilidade do convento e, nos fundos, uma amostra que dá a idéia de como devia ser antes do desmonte.

DOAÇÕES. O esfacelamento da propriedade do morro começou com a doação de um terreno à Ordem Terceira de São Francisco da Penitência para a construção de uma capela própria, ligada por um grande arco à Igreja Conventual, inaugurada no dia 17 de setembro de 1622. Em 1653 o convento cedeu um novo terreno para a construção de uma capela maior, pelo qual recebeu a quantia de cinqüenta mil réis. Mas o Custódio, Frei Pantaleão Batista, transformou a venda em doação e o pagamento ficou sendo em donativo. Em 1682 o Provincial Frei Cristóvão da Madre de Deus Luz cedeu mais uma área, necessária para a ampliação da igreja. Em 1741 a Província doou, em sinal de gratidão pelas esmolas recebidas, uma área de quarenta e quatro metros de largura por trezentos e oitenta e oito e meio de comprimento com frentes para o Largo e para a Rua da Carioca. Esta generosidade dos frades deu grande impulso ao progresso material da Ordem Terceira. A última doação efetuou-se aos 7 de fevereiro de 1851. Constou de três braças em quadrado nos fundos da igreja. Em troca, pediu-se uma esmola a critério da receptora.

VENDAS DO MORRO. Em 1852, com licença da Santa Sé e beneplácito do Governo Imperial, foi vendida a maior parte do morro aos senhores José Maria Velho da Silva e Joaquim Ribeiro de Avelar, pela quantia de cento e oitenta contos de réis, com a finalidade de saldar dívidas e formar fundos para a manutenção do convento. Não entrou nesta venda «somente a parte necessária para a cerca, cuja parte que está demarcada fica pertencendo ao mesmo convento».

Em 1876 o Ministro da Fazenda resolveu construir ao pé do morro um prédio e montar nele a Imprensa Nacional. Não havendo terreno suficiente, comprou do convento o que faltava pela quantia de cinco contos de réis, paga em apólices.

Em 1919 Frei Diogo Freitas vendeu ao Dr. Ciro Torres os trezentos metros situados entre a Imprensa Nacional, o Teatro Lírico e a linha de bondes. Esta foi construída pela Ferro Carril Carioca sem a licença de Frei João do Amor Divino, que lhe moveu ação judicial. A Ferro Carril foi condenada à indenização, mas os autos desapareceram. No tempo de Frei Diogo, porém, foram encontrados e a Companhia foi obrigada a pagar.

A venda de 1852 passou de mão em mão até chegar às da Companhia Santa Fé, que se propunha urbanizar o morro. Em 1925 entrou em entendimento com os religiosos e ajustou com eles de começar pela ladeira que dava acesso ao convento e lhes pertencia. Comprometeu-se, em compensação, erguer uma muralha de contenção ao longo do convento, cons-

truir uma escada e instalar um elevador. Depois de cumprir este compromisso, desistiu em 1926 da urbanização do resto do morro. A muralha e a escada existem ainda, mas o elevador deu lugar a um túnel e aos dois elevadores atuais, inaugurados no domingo da Páscoa de 1954. O trabalho, iniciado em 1951, protelou-se por mais de três anos. O antigo elevador funciona agora dentro do convento, ao lado do refeitório, onde presta bons serviços, especialmente aos idosos e aos doentes.

DESMONTE DO MORRO. A primeira idéia de desmontar o Morro de Sasto Antônio data de 1853. O plano incluía a desapropriação e a demolição do convento. O Provincial Frei Francisco de São Diogo protestou e o assunto morreu. Em 1889 o Governo Republicano celebrou com dois engenheiros um contrato na mesma base. O Núncio interveio e nada se fez. Mas a idéia sobreviveu e revigorou-se depois do desmonte do Morro do Castelo. Em 1929 corria insistentemente a notícia de que a Prefeitura iria demolir o morro sem poupar o convento. De fato, o estado em que a Companhia Santa Fé o deixou exigia urgentes providências. Pois as águas das chuvas invadiam o Largo da Carioca e as ruas adjacentes, trazendo lama e detritos.

Depois da Revolução de 1930, o Prefeito Adolfo Bergamini interpelou o Governo Federal se ele tinha algum interesse no morro. Recebendo a resposta negativa e a recomendação de a Prefeitura se empossar no seu domínio, comprou-o para ser demolido. Depois disso todos os prefeitos que se sucediam demonstravam a mesma intenção. Enquanto isso, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tombou o convento, tornando-o intocável. Somente em 1954 deu-se início ao desmonte, com o compromisso de deixar a parte necessária para a permanência e a segurança do convento. Com o material retirado foi feito o aterro da Praia do Flamengo. Até hoje existem sobras do morro que esperam por urbanização. A parte que sobrou para o convento foi urbanizada em 1972. Na esplanada do morro, cruzada pelas Avenidas Chile e Paraguai, já existem os prédios da Petrobrás, da Catedral, do Banco Nacional da Habitação, da Estação dos bondes de Santa Teresa e uma garagem subterrânea da Petrobrás.

20. A IGREJA CONVENTUAL

A Igreja Conventual de Santo Antônio «é presentemente a mais antiga do Rio de Janeiro». Sua pedra fundamental foi lançada juntamente com a do convento aos 4 de junho de 1608. As obras do convento e da igreja andaram juntas. Contudo, quando a comunidade se transferiu para o convento no dia 7 de fevereiro de 1615, a igreja estava com as paredes pelo meio. Para poderem ser celebradas missas, o primeiro guardião Frei

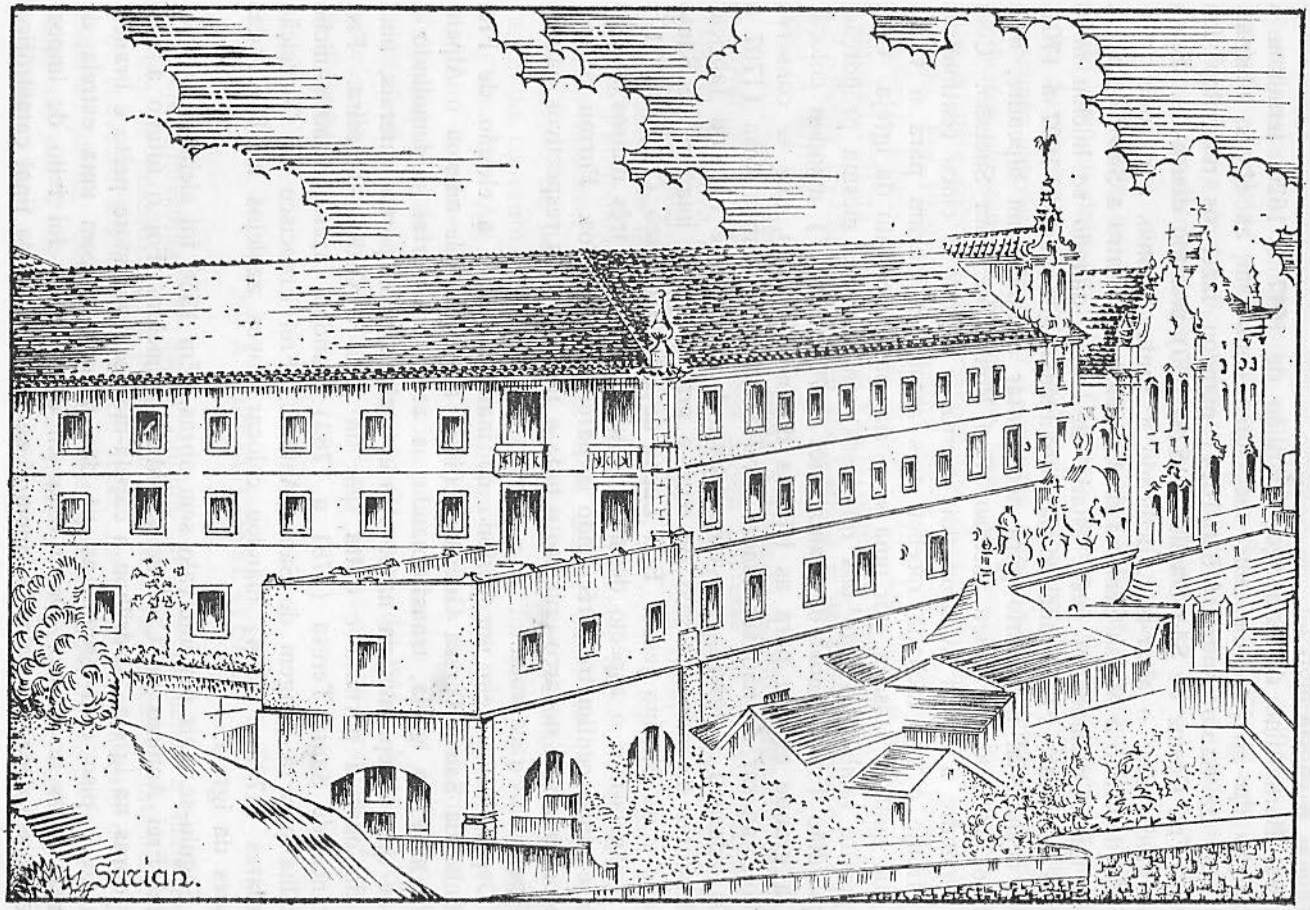
Antônio do Calvário mandou erguer esteios de madeira e colocar sobre eles um telhado provisório. Em seguida apressou a construção e chegou a terminar a capela-mor.

Frei Bernardino de Santiago, guardião de 1617 a 1620, terminou a construção da igreja. Aos seus sucessores couberam as obras internas. Frei Luís de Santo André (1620-1624) mandou fazer os retábulos dos altares. Frei Cosme de São Damião (1628-1630) mandou dourá-los. Eram e são ainda três: o altar-mor, dedicado a Santo Antônio, e os dois laterais, um dedicado a Nossa Senhora da Conceição e o outro a São Francisco.

A igreja permaneceu neste estado até 1699, quando se iniciou novo período de obras. Frei Francisco da Porciúncula, guardião de 1697 a 1701, reuniu o material necessário para acrescentar à igreja um alpendre, mas quem o executou foi o seu sucessor Frei Romão de Bom Sucesso. Com este alpendre a igreja avançou dois metros e setenta e cinco centímetros para frente e sua fachada recebeu três arcos que davam para o vestíbulo, do qual se passava, por uma só porta, para o recinto da igreja. Com o alpendre também o coro dos religiosos aumentou na mesma proporção. O guardião Frei Manoel de Santa Inês (1704 a 1707) mandou colocar nele a grande estante para as leituras durante o ofício, que se conserva até hoje, apesar de não ser usada. Frei Serafino de Santa Rosa (1707 a 1710) adornou a igreja com uma barra de azulejos e mandou fabricar resplendores de ouro e coroas de ouro e prata para as imagens de Santo Antônio e do Menino Jesus. Frei Lucas de São Francisco (1716 a 1719) deu à capela-mor o aspecto definitivo. Aumentou-a em três metros e quarenta e cinco centímetros, recuando a parede dos fundos. Forrou o teto. Colocou mármore no arco-cruzeiro e toda a talha com os respectivos painéis e as portas de jacarandá.

Depois disso veio um período de inatividade até a eleição de Frei Martinho de Santa Teresa Guerreiro (1777 a 1779). Ele anexou o Alpendre à nave da igreja, transformando os arcos em portas e demolindo a parede que o separava da nave. Abriu também duas portas laterais, uma que dá para a portaria e outra que dá para a Ordem Terceira. Frei Lourenço de Santa Teresa (1781 a 1783) mandou fazer um novo nicho de talha para a imagem de Santo Antônio. Frei Francisco da Conceição Valadares (1783 a 1784) mandou colocar novos azulejos na barra das paredes da igreja.

Seguiu-se mais um intervalo sem obras. Em 1856 foi eleito para Provincial Frei Antônio do Coração de Maria Almeida. Foi o último a realizar obras na igreja. Ladrilhou a capela-mor com mármore preto e branco, ornando o piso com gregas ao pé das paredes e com uma estrela de diversas cores no centro. Desta data em diante nada foi feito de importante, pois a decadência da Província já se aproximava do final catastrófico.



Bico de pena de Frei Floriano Surian, O.F.M. — 1975.

REFORMA DA IGREJA. Depois da morte de Frei João do Amor Divino Costa, Frei Diogo Freitas sentiu-se livre para agir e fez o que as circunstâncias e as dificuldades de toda a sorte lhe permitiam. Começou pela reforma do telhado, cobrindo-o com telhas francesas. Aos 13 de junho de 1911 inaugurou a luz elétrica. Até o ano de 1920 colocou o novo tabernáculo e as novas banquetas no altar-mor e retirou as lajes das sepulturas da igreja e assoalhou-a com madeira.

Os anos de 1920 a 1926 são os de grandes restaurações empreendidas sob a direção de Frei Inácio Hinte. Infelizmente faltou-lhe orientação histórica e artística. Renovou a madeira do telhado alteando-o cerca de dois metros. Deu forma de abóbada ao teto em vez de restituir-lhe a forma de caixão. Elevou, porém, a parte central na mesma posição horizontal e no centro colocou uma clarabóia. Abriu um arco na parede à esquerda de quem entra para instalar a capela do Bom Jesus. Demoliu e reconstruiu o coro, encurtando-o em três metros e vinte centímetros. Substituiu a madeira do soalho por ladrilhos. Avançou a mesa da Comunhão um metro para frente. Restaurou os ornatos de talha. Juntou a mesa do altar-mor ao trono. Por ter levantado o teto, mandou fazer nova talha para o frontispício do arco-cruzeiro, conservando apenas o escudo com os braços cruzados de Cristo e de São Francisco. Trocou as imagens antigas dos altares laterais por modernas. Retirou a barra de azulejos, cedendo-os à Casa Martinelli em troca de uma barra de gesso imitando mármore e uma via-sacra embutida nas paredes. Restaurou o púlpito, situando-o mais na frente e em posição mais baixa. Colocou vitrais nas janelas do coro. Mandou decorar as paredes e o forro com desenhos e pinturas. Modificou a fachada da igreja. Mexeu portanto em tudo.

VOLTA AO PRIMITIVO. Com todas estas reformas, a igreja ficou extremamente deformada. Felizmente o jovem guardião Frei Oscar Moch teve a inspiração e coragem de restituir-lhe, na medida do possível, o seu aspecto original. Sob a orientação dos arquitetos Dr. Lúcio Costa e Dr. Orlando Reis, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, começou os trabalhos aos 15 de junho de 1953. As paredes foram raspadas, a via-sacra e a barra retiradas. O teto, depois de rebaixado o seu centro, foi pintado a óleo por pérola. As cimalhas foram douradas e as caixas do órgão, fixadas nas paredes, receberam ouro sobre azul. Todas as talhas dos altares e da capela-mor, que, por desgaste de ouro e falta de recursos, estavam pintadas a tinta, foram restauradas e douradas.

Durante a limpeza constatou-se que a base da talha da capela-mor era pintada de vermelho, enquanto que a dos altares laterais e do púlpito, de azul. Em tudo foi restituída a forma primitiva. Também os painéis da capela-mor, da sacristia e da sala do Capítulo foram restaurados por técnicos do Patrimônio. Na mesma ocasião, foram trocados os ladrilhos do piso da igreja por mármore.

Em 1972, sob o guardianato de Frei Arnindo Ferreira de Oliveira, foram novamente restaurados o púlpito, o arco que dá para a capela do Bom Jesus, os retábulos nas janelas e foi adornado e dourado o altar central. Em 1973 novamente foram pintados o forro e as paredes, sendo que estas levaram uma barra a óleo.

21. A SACRISTIA

Em 1860, Manoel de Macedo afirmou que a sacristia do Convento de Santo Antônio era a mais bela do Rio de Janeiro. E deve sê-lo até agora. No entanto, não há dados precisos sobre a sua construção, instalação e pessoas que nela trabalharam. O mais provável é que, quando Frei Lucas de São Francisco aumentou a capela-mor, construiu e ornou também a sacristia. Ela compõe-se de um conjunto de obras de arte. Seu pavimento é de mármore português de diversas cores e contém lindos desenhos simétricos. A barra é revestida de azulejos com grandes painéis, alusivos ao milagre da cura de um cego, realizado por Santo Antônio. O teto é dividido por grossas molduras que contornam pinturas de paisagens, de fatos relacionados com a vida do santo e diversos emblemas. Este artístico teto estava ameaçado de desabar porque os caibros e as molduras estavam carcomidos pelo cupim, enquanto que as tábuas estavam em perfeito estado. Com muita dificuldade o guardião Frei Justo Scheidgen conseguiu operários de uma firma especializada para fixá-lo. Em seguida mandou consertar as molduras e limpar as pinturas, garantindo a conservação do belo conjunto da sacristia.

A grande e artística peça que chama imediata atenção é o arcaz feito de jacarandá. Em 1930, quando se faziam nele pequenos reparos, foi encontrada uma tábua com os seguintes dizeres: «Este arcas fes Manoel Alves Setubal. Acabou em 1745 em 16 de setembro pede hum Padre Nosso e hua ave Maria pello amor de Ds pella sua alma». Na parede do lado oposto acha-se um armário embutido para a guarda de vasos sagrados e livros litúrgicos, feito com muito capricho e arte.

De cada lado do arcaz existem portas de comunicação com uma dependência de quatro metros de largura. Diante de uma delas acha-se uma mesa oitavada de mármore que serve de pedestal ao oratório de Nossa Senhora Aparecida, e diante da outra está uma grande peça de valor, o chamado lavabo, semelhante aos de Ouro Preto e de São João Del'Rei, obras de Aleijadinho, trabalhado em mármore. Sobre um pedestal repousa uma bacia em forma de concha. No centro dela ergue-se uma coluna, em cujos quatro lados golfinhos seguram torneiras na boca, e no topo dela pousa uma imagem representando a pureza.

22. O ÓRGÃO

Aos 2 de dezembro de 1758, o Definitório Provincial tomou providências para executar a ordem do Ministro Geral que prescrevia o cantochão acompanhado de órgão em todos os conventos. Por este motivo Frei Manoel de Santa Teresa Veloso mandou montar no coro um órgão em estilo barroco, que foi um dos melhores daquele tempo. Cinqüenta anos mais tarde, quando Frei Antônio Agostinho de Sant'Ana era guardião (1805-1808), teve que ser totalmente reformado na parte externa. Em 1823 precisou de novos consertos. Finalmente foi substituído pelo órgão atual, inaugurado aos 6 de março de 1932. Fabricaram-no dois técnicos alemães, Berner e Moehler, na oficina que instalaram no salão sobre o Mausoléu. Eles foram contratados por Frei Justo Scheidgen, mas quem inaugurou o órgão foi Frei Libório Grewe.

E' um órgão elétrico. Seus tubos são distribuídos nas paredes laterais da igreja em caixas desenhadas e fabricadas pelo marceneiro Frei Roque Vieira e ornadas com talhas feitas por um profissional, cujo nome não foi anotado. Do material do antigo órgão só foram aproveitados os seis anjos que ornam as caixas.

23. AS IMAGENS DE SANTO ANTÔNIO

Se na primitiva residência existiu uma imagem de Santo Antônio, deve ter sido de pouco valor. Pois Frei Luís de Santo Antônio, guardião desde 1620, tendo terminado os retábulos dos altares, encarregou a um religioso que esculpisse uma imagem do santo Padroeiro. Conta-se que, tendo ele fabricado o corpo, não conseguia esculpir a cabeça em devidas proporções. Então, no auge do seu desespero, aconteceu um fato estranho. Assim o noticia o Livro do Tombo: «Em 1621 colocou-se a imagem de Santo Antônio, o corpo feito por um religioso e a cabeça por um que pediu uma esmola para jantar, como se vê no Cartório do Convento». Não consta quanto tempo esta imagem permaneceu no altar, mas consta que Frei Serafino de Santa Rosa, guardião de 1707 a 1710, mandou fazer uma coroa que cabe exatamente na cabeça da imagem atual e não na da anterior. Contudo, a primeira imagem não foi relegada ao esquecimento. Na invasão francesa de 1710, o Governador Francisco de Castro Morais pediu proteção a Santo Antônio e mandou ao convento uma patente que o nomeava Capitão da Infantaria. Foi esta imagem que, colocada no muro do convento, empunhando o bastão doado pelo Governador da Colônia do Sacramento, presidiu à batalha, na qual os franceses foram derrotados.

Em testemunho de gratidão a imagem foi colocada no frontispício da igreja. Em 1779, porém, foi transferida para o nicho que o guardião Frei José do Desterro mandou fazer no frontispício do convento onde permanece até hoje. E' conhecida como Santo Antônio do Relento.

24. PROMOÇÕES E CONDECORAÇÕES DE SANTO ANTÔNIO

Santo Antônio, nascido em Lisboa aos 15 de agosto de 1195, desde cedo começou a ser invocado por seus patrícios em todas as emergências, sem excluir os problemas de segurança e defesa da Pátria. Com o tempo firmou-se o costume de nomeá-lo protetor de batalhões, principalmente em tempo de guerra. Depois ia sendo arrolado como soldado efetivo e galgava postos militares, simbolicamente representado por suas imagens.

Este costume acompanhou os portugueses que vieram para o Brasil, onde Santo Antônio ocupou postos militares em vários lugares. No Rio de Janeiro foi escolhida a imagem do convento a ele dedicado. A primeira promoção que recebeu foi a de Capitão de Infantaria durante a primeira invasão francesa. O Rei aprovou-a, aos 20 de março de 1711, e estipulou um soldo de dezesseis mil réis mensais a ser pago ao convento. Por um decreto de 14 de julho de 1810 o Príncipe Regente promoveu-o a Sargento-Mor com direito ao soldo de trinta mil réis. O mesmo Príncipe promoveu-o aos 26 de julho de 1814 a Tenente-Coronel, cuja patente foi expedida aos 31 de agosto do mesmo ano.

O convento recebia pontualmente o soldo até ao fim da Monarquia. O Governo Republicano, porém, deixou de pagá-lo, alegando a separação entre o Estado e a Igreja. Frei João do Amor Divino reclamou e o Marechal Floriano ordenou que o soldo fosse pago enquanto um decreto especial não o revogasse. O decreto nunca veio à luz, mas desde o mês de abril de 1911, por ordem do Ministro da Guerra Gen. Emigdio Dantas Barreto, não se realizou mais nenhum pagamento.

INSÍGNIAS. Santo Antônio pode gloriar-se de ter recebido por intermédio de sua imagem três insígnias. A primeira consta de um bastão de comando que o Governador da Colônia do Sacramento Sebastião Veiga Cabral lhe ofereceu em 1705, em sinal de agradecimento pela proteção à sua guarnição de seiscentos homens, sitiados durante seis meses por seis mil soldados espanhóis apoiados por navios de guerra.

Aos 13 de agosto de 1814 o Príncipe Regente conferiu-lhe a Gran Cruz da Ordem de Cristo. No mesmo ano, ofereceu-lhe uma riquíssima bengala de autoridade de seu uso pessoal.

25. CULTO A SANTO ANTÔNIO

Santo Antônio desejou ardentemente ser missionário entre os muçulmanos. Deus, porém, dispôs de outra maneira. Logo que chegou à África, adoeceu gravemente. Voltando para Lisboa, o navio em que viajava, arrastado pelos ventos, bateu na costa da Sicília. Lá ele desembarcou, seguiu

Santo Antônio do Relento

para Assis e permaneceu na Itália até a sua morte em Pádua. Agraciado por Deus com o dom da palavra e com o carisma de milagres, tornou-se grande missionário entre os cristãos. O povo afluía em massa para ouvi-lo e receber dele orientação para a vida religiosa. Quando morreu, sua fama propagou-se rapidamente pelas nações cristãs e fê-lo um santo universal e missionário perpétuo, sem limites de lugar, de tempo, de línguas e de povos.

Muitos julgam que Santo Antônio é apenas o grande perito em arranjar casamentos. Mas não é bem assim. Ele é realmente um grande perito, mas perito em achar o que os seus devotos procuram, seja porque o perderam, sejam porque encontram dificuldades em conseguir o que desejam. O casamento é somente um dos casos de procura. E' impressionante como Santo Antônio encontra para muitos o que eles jamais tiveram ou nunca procuraram depois de tê-lo perdido, a fé. Tudo isso é tão verdade que São Boaventura, que tinha catorze anos de idade quando Santo Antônio morreu, e depois tornou-se franciscano, Superior Geral da Ordem, Cardeal da Santa Igreja, compôs o célebre responso que aqui damos na versão de Amélia Rodrigues:

Se milagres tu procuras
Pede-os logo a Santo Antônio,
Fogem dele as desventuras,
O erro, os males e o demônio.

Torna manso o iroso mar,
Da prisão quebra as correntes,
Bens perdidos faz achar
E dá saúde aos doentes.

Aflições, perigos cedem
Pela sua intercessão;
Dons recebem se lh'os pedem
O mancebo e o ancião.

Em qualquer necessidade
Presta auxílios soberanos;
De sua alta caridade
Fale a voz dos paduanos.

Glória seja dada ao Pai
Glória ao Filho, nosso Bem,
E glória ao Espírito Santo
Pelos séculos sem fim, amém.

Os devotos de Santo Antônio consagraram-lhe um dia da semana, a terça-feira. Por que justamente este dia? Não existem documentos seguros para responder esta pergunta. O autor de um livro editado em Antuérpia em 1675 supõe que o motivo seria o fato de Santo Antônio ter nascido numa terça-feira. O mesmo, porém, poder-se-ia dizer do seu sepultamento que também se deu numa terça-feira, aos 17 de junho de 1231.

Segundo o mesmo autor existe uma outra possibilidade. Vivia em Bolonha uma mulher casada, mas sem filhos. Recorreu a Santo Antônio e ele recomendou-lhe que fosse durante treze terças-feiras à igreja e tornar-se-ia mãe, o que de fato aconteceu. Mas a criança nasceu horrivelmente

deformada. Desesperada e, talvez, indignada, a mãe mandou levar a criança à igreja e colocá-la sobre o altar de Santo Antônio. Mal ela entrou em contato com o altar, desatou em convulsivo choro e tomou a forma normal e de extraordinária beleza. A notícia correu rapidamente por toda a Itália. Assim teria nascido o costume de dedicar a Santo Antônio as terças-feiras e fazer as trezenas.

Seria interessante saber quando começaram a ser celebradas as trezenas no Convento de Santo Antônio. Não é possível averiguá-lo. Há, porém, um fato que nos faz supor que elas começaram a ser celebradas desde os primórdios do convento. Em 1683 a trezena em preparação para a festa teve uma intenção especial: Trazer incólume o Governador, cuja nau parecia estar perdida nos mares do sul. E aconteceu que exatamente no dia treze de junho, pelo meio-dia, a nave entrou no porto.

Atualmente, todas as terças-feiras a igreja é visitada desde as cinco até às vinte horas. No fim de cada missa (celebrada de hora em hora, desde as seis até as onze e às dezessete e dezoito horas) é dada a chamada bênção de Santo Antônio, e no espaço de tempo em que não há missas, de meia em meia hora, com distribuição da Santa Comunhão.

Milhares de pessoas visitam a igreja todas as terças-feiras, muitas se confessam e cerca de mil comungam. Nas primeiras terças-feiras a freqüência é consideravelmente maior e no dia da festa é uma multidão incalculável que se movimenta durante o dia inteiro, desde a madrugada até a alta noite. A festa de Santo Antônio se comemora no dia 13 de junho, dia de sua morte. A trezena que a antecede é sobremaneira solene, com pregações especiais e festa no pátio em frente do convento.

E' inacreditável a quantidade de pão e de mantimentos distribuídos durante o ano aos pobres, tendo nisso grande mérito a Pia União de Santo Antônio, sob a chefia do Padre Guardião do Convento.

Santo Antônio, apesar de certos abusos, crendices, superstições e ignorâncias, continua sendo um grande missionário entre o povo cristão, conduzindo e reconduzindo muitos ao verdadeiro aprisco de Cristo e socorrendo multidões em suas necessidades morais, espirituais e materiais. Santo Antônio continua a exercer o carisma que Deus lhe deu, quando andava e agia neste mundo.

26. SANTO ANTÔNIO DOS POBRES

— E' esta a igreja de Santo Antônio dos ricos? — perguntou-me uma senhora argentina, em meio a outros excursionistas.

— Dos ricos e dos pobres, minha senhora.

— Mas... não há uma igreja que chamam de «Santo Antônio dos Pobres»?

— Há, e não muito distante daqui. E para distinguir uma da outra, alguns usam da expressão «dos ricos» e «dos pobres»...

Donde vem aquelas denominações? Procurei informar-me, ouvindo, entre outras coisas, o seguinte:

> O vasto Convento de Santo Antônio, fundado em 1608, constitui um complexo de prédios, do qual, arquitetonicamente, fazem parte duas igrejas, embora uma seja bem distinta da outra e tenha administração autônoma. A primeira, ligada diretamente ao Convento, tem o coro ornado de obras de talha, enquanto o corpo da igreja é bem modesto, sem trabalhos de maior valor; a outra igreja, de dimensões menores, tem opulentas obras de talha que se estendem do teto até o soalho, tudo dourado solidamente, dando a impressão de fausto e riqueza. Para distinguir uma da outra — já que são vizinhas — chamou-se à primeira, consagrada ao Taumaturgo português, de «Santo Antônio dos Pobres», e a segunda, dedicada a São Francisco da Penitência, de «Santo Antônio dos Ricos», o que era tanto mais natural, quando ambas, sob o ponto de vista da arquitetura, constituem um só complexo, o do Convento de Santo Antônio.

Pouco importa diante disso, que, em outro bairro, exista uma igreja que igualmente se chame de Santo Antônio dos Pobres.

* * *

Para não poucos visitantes do trissecular Convento de Santo Antônio, o complexo arquitetônico constitui também um administrativo, o que, entretanto, não corresponde aos fatos. Para explicá-lo bem, é preciso remontar aos tempos de São Francisco (1182-1226) que, filho de um negociante rico, renunciou a todos os haveres, porque via na cobiça imoderada dos bens da terra um dos principais males da época que, além de causar um mal-estar social, afastava mais e mais de Deus.

Escarnecido a princípio, viu-se mais tarde seguido por jovens da elite que o tomavam como exemplo e insistiam em que lhes desse uma regra de vida.

Era a Ordem nascente dos Franciscanos, que no primeiro século depois da morte de São Francisco já estava tão espalhada que só os Franciscanos mortos no serviço dos pestosos eram calculados em 100.000.

O idealismo desses homens provocou também o idealismo nas mulheres. Clara de Scifi, duma casa nobre de Assis, foi a primeira que seguiu em tudo a vida pobre e santa de seu grande conterrâneo, recusando não só qualquer propriedade pessoal, mas também da comunidade, o que era uma coisa inaudita.

Assim, São Francisco, sem ter tido esta intenção, fez-se o fundador daquela primeira Ordem, a dos Franciscanos, e duma segunda Ordem, a das Clarissas.

O movimento iniciado por São Francisco tomou tais proporções que até pessoas casadas pretendiam seguir o Santo. A isto ele se opôs, instituindo, porém, como compromisso, mais uma Ordem que, embora obrigasse a uma vida mais austera, respeitava contudo os laços de família já iniciados ou a iniciar. Desta maneira, mesmo fora dos muros claustrais, há uma Ordem real para quem quer realizar o ideal religioso-franciscano duma vida mais perfeita, embora constituindo família e vivendo em casa própria.

Todas estas três Ordens de São Francisco, desde cedo, foram transplantadas para o Brasil. O descobridor Pedro Álvares Cabral já veio acompanhado de um franciscano, Frei Henrique de Coimbra. Em 1564 os primeiros franciscanos (portugueses) se estabeleceram em Olinda; em 1608 colocaram a primeira pedra da atual igreja de Santo Antônio (dos Pobres) do Rio de Janeiro.

A segunda Ordem (das Clarissas) estabeleceu-se na Bahia, no Convento do Desterro, conservado até hoje. No Rio de Janeiro as Clarissas chegaram somente em 1931, estabelecendo-se na Gávea.

No Rio de Janeiro, a Ordem Terceira de São Francisco da Penitência dispôs, para as suas reuniões e festas, de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, ligada diretamente à igreja de Santo Antônio, da qual, ainda hoje, só está separada por uma grade de ferro.

Desenvolvendo-se esta Ordem Terceira do Rio, obteve da Ordem Primeira o necessário terreno para poder construir uma igreja maior, própria, com as necessárias dependências. Tanto para a construção, bem como para a maravilhosa ornamentação e douração desta igreja, a Ordem Terceira e

outros devotos concorreram com tamanha generosidade que, embora dedicada a São Francisco da Penitência, justificasse o nome de Santo Antônio «dos Ricos».

Afeitos ao Comércio, os membros da Colônia Portuguesa que emprestavam à Ordem Terceira o melhor de suas energias e dedicações, souberam fazê-la prosperar de tal modo que, de há muito, mantém um hospital, prédios, capelas e escolas, obras de beneficência, cuja administração exerce com perfeita autonomia, sem intervenção alguma dos Franciscanos do Convento, cuja igreja continua sendo «Santo Antônio dos Pobres», e que pela regra que professam não podem ter outras fontes de renda que não sejam as de seu trabalho direto, manual, intelectual ou religioso, ou de dádivas espontâneas de amigos e benfeitores, com exclusão de rendas regulares a este ou aquele titulo.

Devendo manter altos os ideais de São Francisco, seu santo Fundador e Pai, os Franciscanos do Convento de Santo Antônio criaram mais um rebento da Ordem Terceira, dando-lhe a denominação de «Fraternidade de Santo Antônio» com sede no Convento e, como este, sem bens nem propriedades.

* * *

A harmonia em que vivem Santo Antônio dos Pobres (a igreja do Convento) e Santo Antônio dos Ricos (a Ordem Terceira de São Francisco da Penitência) não impede que cada uma destas organizações tenha sua vida própria, sem que a outra parte nela tenha interesses materiais, por pequenos que sejam.

(Frei Pedro Sinzig, O.F.M. — em «Santo Antônio do Rio de Janeiro», 1931)

Composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora Vozes Ltda.

Este opúsculo se publicou em 1975
ano do Tricentenário da Emancipação
da Província Franciscana
da Imaculada Conceição.
O Convento de Santo Antônio
do Rio de Janeiro serviu-lhe de sede
de 1675 a 1901.